

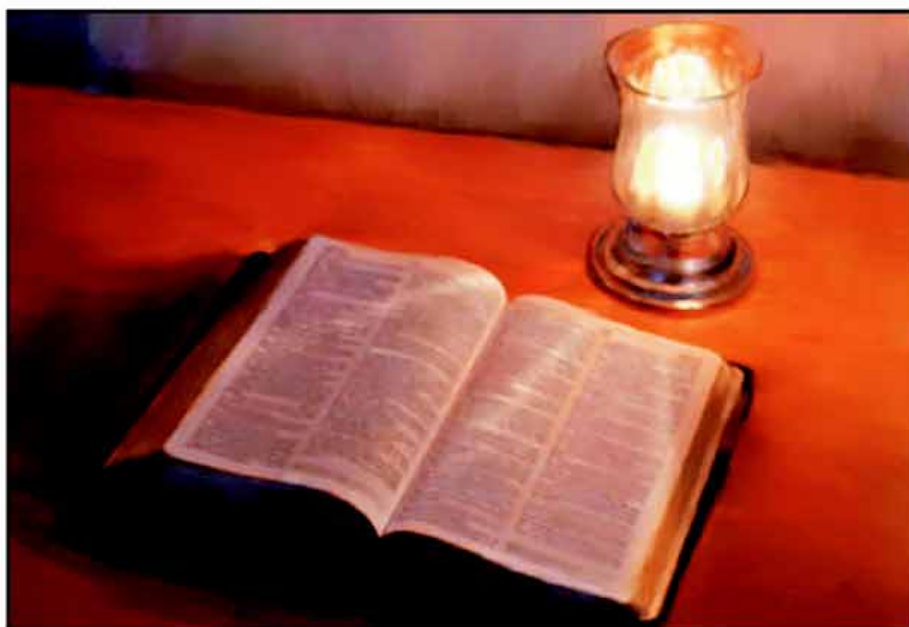
Em busca da cidadania plena



BÍBLIA ORIENTA BISPOS

Ano 26 | nº 206 Julho / setembro 2008

Para resolver a crise do episcopado, não seria obrigação seguir a orientação de Paulo Apóstolo?



É digna de fé esta orientação bíblica: “se alguém aspira ao episcopado, está desejando um trabalho valioso. Pois é preciso que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma única mulher, sóbrio, ponderado, educado, hospitaleiro, apto para o ensino, que não seja dado ao vinho nem violento, pelo contrário, que seja manso, pacato, não cobiçoso, que dirija bem a própria casa e saiba manter os filhos na submissão,

com toda a dignidade. (Com efeito, quem não sabe governar a própria casa, como poderá cuidar da igreja de Deus?) Que não seja um neófito, para não acontecer que se ensoberbeça e incorra na mesma condenação que atingiu o diabo. É preciso que ele receba testemunho favorável dos que não pertencem à comunidade, para que não venha a cair em descrédito e no laço do diabo”. 1 Tim.3,1-7.

Destaques

*PADRES CASADOS
ASSESSORAM DIOCESES
E CNBB - Pág 03*

*PARA REFLETIR E AGIR
Pág 04*

*DOM CLEMENTE ISNARD
Pág 05 e 15*

*CARDEAL MARTINI
Pág 06*

*BENTO XVI
Pág 07 e 15*

JOSÉ COMBLIN - Pág 08

*DOM ALOÍSIO
LORSCHIEDER - Pág 09*

ESPIRITUALIDADE - Pág 10

*IMPRESSÕES DE VIAGEM
Pág 11*

LEONARDO BOFF - Pág 12

*OS PADRES E A POLÍTICA
Pág 13*

*PÁGINA DA MULHER
Pág 14*

É hora de assinar ou renovar RUMOS!!!

Nosso Jornal RUMOS está aqui
www.oraetlabora.com.br

O SITE DOS CRISTÃOS ADULTOS

Ora et Labora

Ora et Labora
Na tua luz vemos a luz!
Para Ti o silêncio é louvor.



EDITORIAL

Amigas e amigos. Encontramos-nos pela terceira vez neste ano. Mantendo uma "suada" bimestralidade.

São tantos e tão variados os temas e notícias, que mal se encaixam nas 16 páginas de RUMOS. Alguns nem tiveram vez...

Alguns artigos, entre outros, por si sós valem esta edição: Cardeal Martini na Europa, Cardeal Aloísio, Dom Clemente Isnard, Padre José Comblin e Padre casado Leonardo Boff no Brasil.

A "página da mulher" sentiu falta de colaboradoras! Aqui vai um desafio-convide às queridas mulheres: muito material para o futuro, encaminhando-o diretamente ao editor Gilberto, por carta ou e-mail.

Solicitamos, igualmente, aos prezados colegas padres casados e outros colaboradores que enviem diretamente para o editor Gilberto artigos, notícias e informações. Quanto maior participação, melhor.

Pagantes do jornal (30,00) ou da Associação



ção MPC (120,00) agora poderão enviar ao tesoureiro Mateus Hande comprovante via e-mail. Confirmam no EXPEDIENTE abaixo.

Vai aqui um veemente grito de empenho para atualizar as assinaturas (a quem está em atraso), e para angariar novos assinantes. Somos 6 mil padres casados no Brasil e não chegamos a 200 assinantes...

Corremos risco de suspender futuras edições de nosso RUMOS por insuficiência financeira.

Unidos, vamos superar este desafio? "A união faz a força".

Gilberto Luiz Gonzaga
-
gilgon@terra.com.br
Av. Gov. Celso Ramos, 1835 -
Centro - 88210-000
PORTO BELO - SC

LEITOR DESTA JORNAL

1. Se é assinante do RUMOS ou sócio do MPC, cuide da renovação!
2. Se NÃO É, favor fazer assinatura anual, 30,00. Ou, melhor, associe-se à AR com direito ao jornal anual, 120,00. Sua participação é importante!

O endereço para assinaturas consta no Expediente, nesta página

CARTA DO PRESIDENTE AOS LEITORES

Celibato, até quando?

A pesar de alguns considerarem o tema já desgastado, a imposição do celibato sacerdotal volta sempre ao noticiário dos grandes jornais e emissoras de televisão. Do Brasil e do mundo. Recentemente, fomos surpreendidos com manifestações de importantes prelados da Igreja Católica Romana a favor da revisão da lei do celibato obrigatório. Em terras brasileiras o bispo emérito de Nova Friburgo, o beneditino Dom Clemente Isnard, escreveu um pequeno livro onde defende, entre outras mudanças na Igreja Católica, o fim da obrigação do celibato para o clero. Na Itália, a voz sempre firme e lúcida do Cardeal Martini, também pediu uma revisão e maior discussão sobre o tema.

Aqui e acolá, dentro ou fora da instituição, vozes se unem para bradar por mudanças. Entretanto, assistimos um grande retrocesso comandado pela cúpula hierárquica da Igreja de Roma, com um desmonte do Concílio Vaticano II. Tudo parece parar no tempo, voltar ao fausto e a opulência das liturgias de antigamente, da Igreja menos Povo de Deus e mais poder, distanciada da voz e do sofrimento dos seus irmãos mais pobres. Uma instituição mais preocupada em servir-se do que servir, que é o mandato de Cristo para seus discípulos.

O Papa Bento XVI, nesta corrida louca contra o tempo, percorre o mundo pedindo desculpas pelos abusos sexuais de crianças cometidos por membros do clero da Igreja Católica, como aconteceu recentemente na Austrália, durante a Jornada Mundial da Juventude, com a participação de fiéis de todo o mundo. De nada adianta afirmar que os responsáveis "devem ser levados à Justiça". Ou que sente "muito pela dor e pelo sofrimento que as vítimas suportaram", se nada de concreto for feito para estancar o problema.

Somente na Austrália, segundo a imprensa, 107 membros do clero da Igreja Católica já foram condenados por alegações de abuso sexual. Milhares de australianos foram vítimas desse tipo de abuso e vinham exigindo um pedido de desculpas do papa. Nos Estados Unidos os casos se multiplicam e, aqui no Brasil, vez por outras estouram escândalos envolvendo membros do clero. Bastar ler os jornais.

De pouco adianta bradar, se a causa do problema não for atacada. Para mim, não tenho dúvidas, a solução passa necessariamente pelo fim da imposição do celibato obrigatório para os candidatos ao sacerdócio. Alguns podem considerar uma solução simplista; afinal pedófilos existem na sociedade sem necessariamente serem solteiros ou casados. Mas, no caso da

Igreja Romana, os seminários e casas religiosas servem para esconder e acolher pessoas com esse tipo de personalidade.

A primeira mudança passa, necessariamente, na formação dos novos padres, dentro dos seminários. Todos sabem que, para tentar resolver a falta crônica de sacerdotes, muitos bispos fazem certa "vista grossa", acolhendo candidatos que certamente darão problemas no futuro. Aliado a falta de uma boa formação humana, intelectual, espiritual e, sobretudo, afetiva e sexual, muitos vão saindo dos seminários sem o devido preparo para enfrentar os desafios do seu ministério, sem a maturidade necessária para orientar pessoas.

Diz o ditado popular que "o pior cego é o que não quer ver". Assim faz a hierarquia da Igreja Romana ao tentar esconder a sujeira para debaixo do tapete e não discutir abertamente a questão do celibato. Será que não teríamos um clero mais bem formado, maduro da sua opção, se fosse possível conciliar a ordenação de casados e solteiros? Se pudéssemos confrontar nossa experiência de padres casados com o clero celibatário?

Não tenho dúvidas que, apesar de todas as tentativas da hierarquia que trabalha ferozmente na preservação do celibato, ele tem seus dias contados. Não mais se sustenta - na verdade,



nunca teve uma boa sustentação - seja do ponto de vista teológico, bíblico ou mesmo prático. Aliás, a prática não muito boa de alguns clérigos é que vem mostrando seu anacronismo.

Portanto, acredito no nosso papel como profetas de um novo tempo, na construção de uma experiência válida de sacerdócio casado. Nosso trabalho pastoral, nossa prática, não simplesmente como funcionários do templo, mas na vida cotidiana de casados, junto com nossas famílias, pode contribuir para a construção de um novo modelo de Igreja.

Esse é o papel reservado para nós, padres casados, na renovação do ministério sacerdotal, com múltiplas variedades de serviço. Desde o Encontro Nacional do Recife, realizado em janeiro deste ano, ficou claro que, se quisermos sair do imobilismo a que fomos condenados, precisamos criar nossos próprios espaços, sem esperar as migalhas do poder, mas, sobretudo, ousando construir um novo tempo, com dedicação e serviço ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sem amarras, medos ou tentações de "privilégios" pelo pleno exercício do ministério sacerdotal.

O JORNAL RUMOS é uma publicação bimestral da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil (MEPC). A Associação Rumos é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.

Diretoria Executiva da Associação Rumos:
bênê 2008/2009

Presidente: Félix Galvão Batista Filho
Vice-Presidente: Francisco de Oliveira Rocha
1.º Secretário: Cristiane Maria Gonçalves Crespo
2.º Secretário: Brian Eyre
1.º Tesoureiro: Mathew Oliver Hande
2.º Tesoureiro: Isaac Leon Braun

Conselho Gestor da AR/ Movimento das Famílias dos Padres Casados:

Coordenador da Assessoria Jurídica:
Francisco Marcelino Muniz de Medeiros
Coordenador da Comissão de Teologia:
Francisco Salatiel de Alencar Barbosa
Coordenador da comunicação externa:
José Vicente Andrade
Delegados internacionais:
Jorge Ponciano (titular)
Luiz Guerreiro e Irene Orthieb (suplentes)
Moderador do E-Grupo: João Tavares
Coordenadores do Encontro Nacional de Ribeirão Preto/ Janeiro de 2010:
Mário Palumbo e Margarida Toledo Palumbo

JORNAL RUMOS:

Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: Gilberto Luiz Gonzaga

Jornalista Responsável: Mauro Queiroz (MTB 15025)

Correspondência: artigos, comunicações, artigos, sugestões e críticas devem ser dirigidos para o e-mail: gilgon@terra.com.br de Gilberto Luiz Gonzaga, Porto Belo SC, fone 47-33694672

Os textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Assinatura anual:

Assinatura anual: R\$ 30,00 (trinta reais)

Pagamento feito exclusivamente através de depósito bancário no

BANCO DO BRASIL - AGÊNCIA 0299-2 - CONTA 33.624-6

Remeter cópia do comprovante para Mateus Hande: e-mail handefam@gmail.com Ou Rua Engenheiro Teófilo de Freitas, 30, aptº 402, Derby - Recife-PE. CEP 52.010-190

Associação Rumos:

anuidade de sócio - R\$ 120,00 (Cento e Vinte Reais) com direito a assinatura do jornal

contribuição para um fundo de ajuda mútua - a partir de R\$ 1.000 por mês;

Pague sua anuidade exclusivamente através de depósito bancário no

BANCO DO BRASIL - AGÊNCIA 0299-2 - CONTA 33.624-6

Remeta cópia do comprovante para Mateus Hande: Rua Engenheiro Teófilo de Freitas, 30, aptº 402, Derby - Recife-PE. CEP 52.010-190

PASTOR ÉLBEN CÉSAR e REVISTA ULTIMATUM colaboram com MPC.

O PASTOR ÉLBEN merece toda a nossa consideração, pois sempre nos tem dado destaque na ULTIMATUM e sempre nos tratou com muita dignidade e respeito.

A nós Padres casados e à Igreja Católica

Ainda lembro que no XIV ENCONTRO NACIONAL DO MPC em 2002, em S. Luís, ele mandou uma cópia para cada participante do Encontro, num total de 130 exemplares.

A Revista Ultimatum merece toda a nossa consideração pelo alto nível em que se vem mantendo durante estes 40 anos de existência.

Quanto ao tratamento do tema PADRES CASADOS, não vi nenhuma reportagem mais completa e mais exata e positiva sobre o assunto na imprensa brasileira nos últimos 20 anos

Um bom número de Padres casados recebeu também um belo Livro do Pr. Elben sobre LUTERO.

O assunto anunciado

TEOLOGIA DA PROSPERIDADE é oportuníssimo e, com certeza, vai ser tratado com a maestria que caracteriza o Pastor Elben

JOÃO TAVARES - MODERADOR NOTICIANDO AINDA

João Tavares, atendendo pedido do editor da Revista Ultimatum, peço repassar aos nossos colegas informações sobre o próximo número da revista que irá tratar, entre outros assuntos, da polêmica Teologia da Prosperidade.

Além disso, a revista está completando 40 anos e também envia um convite.

A Ultimatum, acho que você também recebe, envia a revista gratuitamente para vários padres casados pelo Brasil afora. Além disso, já publicou bons artigos sobre a questão do celibato. Inclusive, foi o único órgão de imprensa que deu notícia de nosso encontro nacional.

Félix Batista - presidente
26/06/2008

Igreja abre processo para beatificação de frade capuchinho que viveu no Maranhão

"UMA GRANDE TESTEMUNHA de caridade no dia-a-dia, capaz de fazer com que a vida se torne ensinamento do evangelho. Uma testemunha grande e silenciosa". Foi com essas palavras que o bispo diocesano de Bergamo, Itália, dom Roberto Amadei, deu início à solenidade de abertura do processo diocesano de beatificação de frei Alberto Beretta, italiano, sacerdote capuchinho, médico-missionário e irmão de Santa Gianna Beretta Molla. Frei Alberto viveu 31 anos na cidade de Grajaú, no interior do Maranhão.

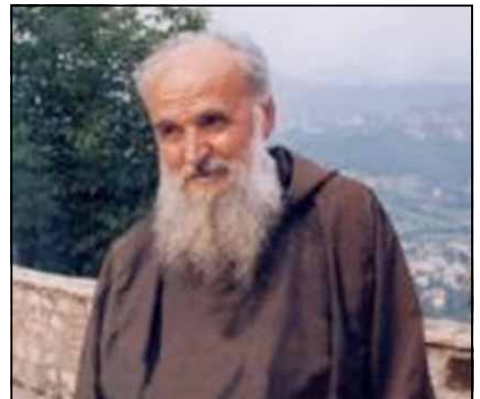
A cerimônia, que aconteceu no último dia 18, na sala João XXIII da Cúria Diocesana de Bergamo, concluiu oficialmente a fase preparatória do inquérito sobre frei Alberto, "morto com fama de santidade".

Na ocasião foram lembrados a vida e o amor de frei Alberto pelos irmãos mais sofridos, suas atividades no Brasil, na diocese de Grajaú, seu retorno à Itália após sofrer um derrame. "Na casa do seu irmão sacer-

dote em Borgo Canale, em Bergamo, após 20 anos de sua doença, frei Alberto continuou a testemunhar Cristo por meio da oração e de sua serenidade", disse o bispo. "Um testemunho importante na sociedade de hoje que considera como pessoas inúteis aqueles que não produzem", concluiu.

Vários testemunhos foram colhidos sobre as atividades de frei Alberto, como também foram examinados seus escritos. A documentação foi enviada à Santa Sé a fim de obter a necessária autorização para dar início ao processo de beatificação.

Estavam presentes na cerimônia de abertura do processo de beatificação o Postulador Geral e o vice-postulador dos Frades Capuchinhos, frei Florio Tessari e frei Claudio Resmini, além de numerosos confrades capuchinhos. Da família de frei Alberto marcaram presença seus irmãos, monsenhor Giuseppe e irmã Virginia, alguns sobrinhos e parentes. O bispo emérito de Grajaú, dom Serafim Spreafico, representou a diocese de Grajaú.



se de Grajaú.

O processo diocesano ficou a cargo do monsenhor Giuseppe Martinelli na qualidade de juiz; padre Eugenio Zanetti como juiz suplente; monsenhor Umberto Midali como promotor de justiça e Mariangela Tosi e Silvia Deho, como notários.

Após a entrega dos encargos e o juramento feito pela comissão que conduzirá o processo, dom Amadei completou dizendo: "É um dia de alegria para nossa Igreja de Bergamo - que o processo de beatificação, se torne uma ocasião para que

todos conheçam frei Alberto Beretta e possam aprender e seguir seu exemplo de fé e caridade", sublinhou.

Para o frade capuchinho italiano, frei Luis Spelgatti, pároco da sede da diocese de Grajaú, a presença de 31 anos de frei Alberto em Grajaú 'marcou e continua a marcar' profundamente o povo grajauense por ter tido em seu meio alguém que viveu intensamente os ensinamentos do evangelho, pessoa que foi autêntico homem de Deus e que viveu a santidade no amor e no serviço aos irmãos.

MISSÃO DOS PADRES CASADOS

Nem tudo são flores nos trabalhos para a consecução do desejo de Jesus de que haja um só rebanho e um só Pastor.

As diversidades culturais e a vaidade dos que desejam homenagens altos postos são os grandes empecilhos à realização da vontade de Jesus e da finalidade da Igreja por Ele criada, segundo os Evangelhos e o testemunho das tradições das primeiras comunidades.

Maiores dificuldades virão, se os sacerdotes casados não ocuparem, de imediato, suas funções de mediadores da crise, pois quem teve seu "status" cassado, em virtude da coerência, tem autoridade para mostrar o caminho para as soluções evangélicas.

José Vicente de Andrade
Belo Horizonte - MG

Federação Latino-Americana para a renovação dos ministérios

OBJETIVOS

A Federação Latino-Americana para a renovação dos ministérios é uma organização que agrupa padres casados de 14 países do Continente.

Entre seus principais objetivos se destacam os seguintes:

- continuar com a missão de Jesus na obra da evangeliza-

ção e da promoção humana, proclamada no Evangelho, no Concílio Vaticano II, nas Conferências episcopais dos bispos latino-americanos, de construir um mundo de paz, justiça e amor;

- no momento atual apoiar os intercâmbios sociais, econômicos, políticos que estão impulsionando os novos mandatários na América Latina, a fim de obter uma nova sociedade;

- no campo ideológico contribuir na educação integral do povo através do ensino e pregação do evangelho libertador que garante os valores humanos;

- por meio de um trabalho ecumênico contribuir para a integração dos povos latino-americanos;

- contribuir para criar a consciência da defesa das so-

beranias nacionais frente às políticas de guerrilhas, aos monopólios, às multinacionais e ao imperialismo;

- apoiar o desenvolvimento da reflexão teológica nativa que nasce nas comunidades eclesiais de base e acolhe a teologia da libertação.

EQUIPE DE QUITO - EQUADOR - JUNHO - 2008

PADRES CASADOS ASSESSORAM DIOCESES E CNBB-NE5

Ficamos felizes em saber e anunciar que, por três vezes seguidas neste ano, nas Dioceses de Zé Doca e Bacabal e na CNBB-NE5, teve e vai ter acontecimentos importantes assessorados por padres casados, de grande competência nos seus campos de estudo e atuação:

1. Em abril passado, Eduar-

do Hoormaert, de Salvador, referência importante na História da Igreja no Brasil, deu um excelente curso sobre a Colonização portuguesa do Brasil. Foi no Centro de Educação La Salle, em Santa Teresa do Paruá (Presidente Médici). Para padres, Irmãs e leigos engajados das Dioceses de Zé Doca,

Bacabal e S. Luís. Em convênio com a ASP, dirigida pelo Pe. João Van Damme.

2. Em princípios de julho, o biblista Sandro Gallazzi que trabalha na Pastoral da Terra no Amapá, assessorou o Encontro anual da CNBB-NE5, em Bacabal.

3. Agora, de 28 a 31 de Ju-

lho, nosso colega Reginaldo Veloso, de Recife, nome de peso na música religiosa e na Liturgia encarnada na vida do Povo, vai assessorar o II Mutirão de liturgia da Diocese de Zé Doca e elaboração do planejamento da pastoral litúrgica (ver mensagem abaixo).

João Tavares

PARA REFLETIR E AGIR

- SENTIR A FELICIDADE DO PRESBITERADO LEIGO.

- Sentir-se feliz pela liberdade adquirida por ter saído do sistema clerical.

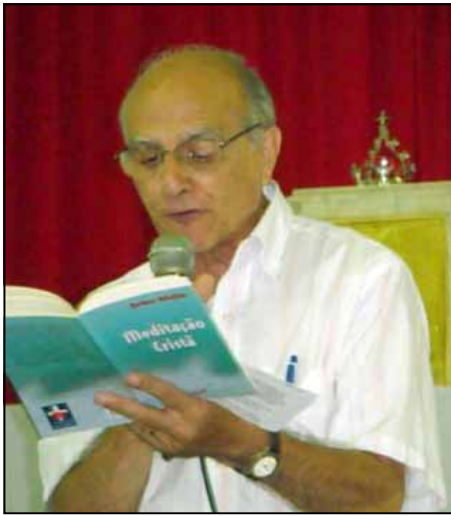
- Viver a alegria da comunhão entre nós, na certeza da presença divina entre nós.

- Procurar os ausentes, silenciosos, traze-los para o nosso convívio e permitir que fale. Escutar a voz deles. Quantos colegas silenciosos cada um de nós já chamou? Quantos endereços descobrimos? Como colocamos em prática nossa finalidade de ajuda mútua?

- Permitir aos outros de pensar e agir de maneira diferente.

- Viver nosso presbitariado ao exemplo dos Atos dos apóstolos e dos modernos profetas: Helder Câmara, Casaldáliga, Jacques Gaillot, Giovanni Franzoni... Não os copiar, mas ouvir o que eles têm a dizer para nós! Já os convidamos oficialmente para os nossos encontros?

- Mais que trabalhar temas teológicos, praticar o evangelho e aplicá-lo em nossa vida de presbíteros casados. O Reino precisa de exemplos do amor e nós somos uma novidade por viver o amor conjugal - sexual. Na igreja ainda hoje tudo que se re-



fere a sexo tem conotação de pecado enquanto "no primeiro século do cristianismo se pensava que ao lado dos diferentes sacramentos, como o batismo e comunhão, está o Santo dos Santos que é a câmara nupcial" (texto de Nag Hammadi, citado por Jean-Yves Leloup em "Uma Arte de Amar para os Nossos Tempos" Vozes, 2002).

- Diálogo com a hierarquia? Deixemos de estar continuamente ajoelhados e de mão estendidas. Levantemo-nos para águas mais fundas e até para a transgressão profética! Sem fugir do diálogo, se a ele fomos convidados.

- Damos mais importância às obras assistenciais, à leitura de jornais e novelas, em detrimento da

lectio divina?

- Lembremos que Atos dos Apóstolos nos chama a deixar aos diáconos a distribuição da sopa e quanto a nós: "Devemos nos dedicar à oração e à pregação do Verbo" esaberequeissoefeito muito mais com o exemplo do que com a palavra.

- A fraternidade e a nossa alegria devem ser nosso distintivo.

- Como o Jornal RUMOS é bimensal e tem poucas páginas, sugiro que relate mais experiências e vivências cristãs de famílias de padres casados do que assuntos teológicos ou pedagógicos que se podem encontrar em outros periódicos ou na internet.

Mário Palumbo diretor do
WWW.oraetlabora.com.br

LEIS UNIVERSAIS**Lei da atração magnética**

Atraímos a nós o que desejamos.

Atraímos, também, o que consideramos indesejável (se nos concentrarmos nisso).

Se nos concentrarmos em doença, manifestaremos mais doenças.

Se nos concentrarmos em pobreza, manifestaremos mais pobreza.

Se nos concentrarmos na falta de amor na vida, manifestaremos apenas mais carência.

É impossível criar amor quando nos concentramos no medo.

É impossível criar prosperidade quando nos concentramos na pobreza.

Trata-se da lei da atração magnética.

Lei da manifestação criativa

Concentre-se intencionalmente no que deseja!

Evite se concentrar no que considera indesejável em sua vida.

Se você estiver em um ambiente onde pessoas estão entretidas numa conversa sobre algo que considera indesejável em sua vida, educadamente se desculpe e vá embora.

Permanecer nessa energia negativa apenas atrairá mais dela para sua vida...

Lei da permissão

É a lei mais difícil de todas.

Ponha seus pensamentos na consciência universal, fortalecidos pelo desejo.

Então retire-se e permita que o universo os manifeste para você.

Se criar muita expectativa ou esperar muito ansiosamente, mais atrapalhará e retardará a manifestação de seus desejos.

A lei da "permissão" significa simplesmente isso: PERMITIR.

Lembre-se: tudo na criação é energia.

Todo pensamento, cada sílaba, cada palavra ou forma de pensamento que você invoque tem seus próprios conjuntos de frequências que ressoam por todo seu universo.

Quando você se concentra no medo, frequências de raiva, depressão e caos são as mensagens recebidas por seu universo.

Quando você se concentra no amor, as frequências de alegria, harmonia e paz ressoam por todo seu universo.

Rich Work

Campanha da gentileza

O executivo estava na capital e entrou em um táxi com um amigo.

Quando chegaram ao destino, o amigo disse ao taxista:

Agradeço pela corrida. O senhor dirige muito bem.

E, ante o espanto do motorista, continuou: Fiquei impressionado em observar como o senhor manteve a calma no meio do trânsito difícil. O profissional olhou, um tanto incrédulo, e foi embora.

O executivo perguntou ao amigo por que ele dissera aquilo.

Muito simples - explicou ele. Estou tentando trazer o amor de volta a esta cidade e iniciei com

uma campanha da gentileza.

Você sozinho? - Perguntou o outro.

Eu, sozinho, não. Conto que muitos se sintam motivados a participar da minha campanha.

Tenho certeza de que o taxista ganhou o dia com o que eu disse.

Imagine agora que ele faça vinte corridas hoje. Vai ser gentil com todas as 20 pessoas que conduzir, porque alguém foi gentil com ele.

Por sua vez, cada uma daquelas pessoas será gentil com seus empregados, com os garçons, com os vendedores, com sua família.

Sem muito esforço, posso calcular que a gentileza pode se espalhar pelo menos em mil pessoas, num dia.

O executivo não conseguiu entender muito bem a questão do contágio que o amigo lhe explicava.

Mas, você vai depender de um taxista!

Não só de um taxista, respondeu o otimista. Como não tenho certeza de que o método seja infalível, tenho de fazer a mesma coisa com todas as pessoas que eu contatar hoje.

Se eu conseguir que, ao menos, três delas fiquem felizes com o que eu lhes disser,



indiretamente vou conseguir influenciar as atitudes de um sem número de outras.

O executivo não estava acreditando naquele método. Afinal, podia ser que não funci-

onasse, que não desse certo, que a pessoa não se sensibilizasse com as palavras gentis.

Não tem importância, foi a resposta pronta do entusiasta. Para mim, não custou nada ser gentil.

CARTA DE DOM CLEMENTE ISNARD

No dia oito de julho do ano passado, completei noventa anos e, a convite de um grande amigo, pe. José Romero Rodrigues de Freitas, vim a Recife para festejar a data com os amigos daqui.

Celebrei a Missa na Igreja das Fronteiras, onde está bem viva a lembrança de nosso inesquecível Dom Helder Câmara, com muitos celebrantes e mais duas centenas de amigos. No meu sermão terminei, depois de narrar os quatro períodos de minha longa vida, aludindo a um projeto de futuro. Que ousadia era fazer projetos aos noventa anos! E dizia: reatando com a mocidade, lutar pelo Movimento Litúrgico, pelo Concílio Vaticano II, por uma Igreja sem Núncio Apostólico e sem Cúria Romana (entenda-se sem a Cúria Hipokratofada de hoje).

Ouviu esse sermão o grande teólogo José Comblin, que me animou a escrever. No segundo semestre de 2007 escrevi um livrinho com o título de "O que o Concílio não fez" e pedi ao padre Comblin para ler antes da publicação e escrever o Prefácio. O que ele fez, sugerindo uma mudança de título para "Reflexões de Um Bispo sobre as Instituições Eclesiásticas".

Em dezembro de 2007



procurei a Editora Paulus para publicar o livro. Aceitou a incumbência e conversei com muitas pessoas sobre o conteúdo do livro. Em fevereiro fui surpreendido por um telefonema da Paulus dizendo que o livro estava pronto para publicação, mas que não poderiam edi-

tar por terem recebido uma proibição do Núncio Apostólico Dom Lourenzo Baldisseri. Não procurei diálogo com essa autoridade eclesiástica que não me procurou diretamente, mas se dirigiu por cima de minha cabeça à Editora.

No mês de março, estando em Recife, recebi uma

atenciosa carta do Regional Leste 1, assinada por todos os bispos do mesmo Regional. Nessa carta pediam que eu não publicasse o livro.

Evidentemente, a opinião unânime dos bispos da região me confundiu, mas não me convenceu. Respondi a cada um dos companheiros uma carta do mesmo teor, em que estranhava que tivessem condenado o livro sem o ter lido (não sei qual dos bispos o teria lido) desprezando a opinião de um teólogo que já publicou mais de 50 obras e que tinha corrigido o livro e redigido o Prefácio, Padre José Comblin. Como sou teimoso, consegui uma editora que se interessou pelo assunto do livro e se ofereceu para publicá-lo.

A Igreja tem um organismo em Roma encarregado de examinar a doutrina dos livros que se publicam no mundo inteiro. Mas o meu livro nada tem contra a doutrina da Igreja. É um livro não de doutrina, mas de disciplina da Igreja que tem variado incessantemente nesses dois mil anos de vida, e ainda recentemente teve um Concílio Ecumênico de Reforma, o Vaticano II.

O Concílio Vaticano II foi elogiado pelo Papa Paulo VI, que o presidiu depois de João XXIII, como um dos maiores

e melhores Concílios da História da Igreja pelo número de participantes, pelo número de documentos promulgados, e pela extensão de sua preocupação também com a vida da humanidade. No Concílio eu me habituei com as lutas internas da Igreja, que não terminaram. Há muitas coisas nas Instituições Eclesiásticas que deveriam ter sido corrigidas. Coisas grandes e pequenas. O Concílio fez muito mas não pode fazer tudo. Será que João XXIII teria presidido melhor que Paulo VI? Agora é preciso abordar os temas que foram tocados pelo Concílio mas não concluídos, para que sejam resolvidos por quem de direito.

São grandes os problemas da Igreja hoje: A nomeação dos Bispos, os Bispos Auxiliares e os Eméritos, o Celibato Sacerdotal e a Exclusão das mulheres do Sacramento da Ordem. Desses cinco assuntos é que trata o livro que será lançado no dia 13 junho, às 19:00h, na Igreja das Fronteiras em Recife.

Os que se interessarem por esses problemas da Igreja devem procurar companheiros e organizar grupos de estudo, para aprofundamento dos assuntos e procura de soluções.

Dom Clemente Isnard.

CARTA A FERNANDO LUGO

Federação Latino-Americana para a renovação dos ministérios

Quito 17 de Junho 2008

Senhor Bispo Fernando Lugo

Presidente eleito da República do Paraguai

A Federação Latino-Americana para a renovação dos ministérios, neste dia em que veio visitar nosso País Equador para recordar os momentos de sua juventude e trabalho pastoral entre os camponeses da província de Bolívar, na paróquia de Echandia, e a amizade que teve com nosso querido bispo Leonidas Proaño, apresenta-lhe uma cordial saudação e os melhores desejos para que continue com seu trabalho de evangelização e libertação do povo de toda escravidão.

Neste momento histórico que vivem os povos latino-americanos, cremos que a providência põe em suas mãos a condução e o exemplo que devemos seguir para chegar à terra prometida de que nos fala o livro do Êxodo.

Atenciosamente

Dr. Mario Mullo Sandoval - Rosa Leiva Valles - Presidentes





Cardeal Martini pede reforma da Igreja

O influente religioso elogio Lutero, defende o debate sobre o celibato e a ordenação de mulheres e reclama uma abertura do Vaticano em termos de sexo

Juan G. Bedoya Em Madri

A Igreja deve ter a coragem de se reformar. Essa é a idéia principal do cardeal Carlo Maria Martini (nascido em Turim em 1927), um dos grandes eclesiásticos contemporâneos. Com elogios ao reformador protestante Martinho Lutero, o cardeal pede à Igreja Católica idéias para discutir, até a possibilidade de ordenar viri probati (homens casados, mas de fé comprovada) e mulheres. Também pede uma encíclica que termine com as proibições da Humanae Vitae, emitida por Paulo 6º em 1968 com severas censuras em matéria de sexo.

O cardeal Martini foi reitor da Universidade Gregoriana de Roma, arcebispo da maior diocese do mundo (Milão) e papável. É jesuíta, publica livros, escreve em jornais e debate com intelectuais. Em 1999 pediu diante do Sínodo de Bispos Europeus a convocação de um novo concílio para concluir as reformas postergadas pelo Vaticano II, realizado em Roma entre 1962 e 1965. Agora volta à atualidade porque se publica na Alemanha (pela editora Herder) o livro Colóquio Noturnos em Jerusalém, como testamento espiritual do grande pensador. É assinado por Georg Sporschill, também jesuíta.

Sem disfarces, o que Martini pede às autoridades do Vaticano é coragem para reformar-se e mudanças concretas, por exemplo, nas políticas sobre o sexo, um assunto que sempre desata os nervos e as iras dos papas, já que são solteiros.

O celibato, afirma Martini, deve ser uma vocação, porque talvez nem todos tenham o carisma. Espera também a autorização do preservativo. E nem sequer o assusta um debate sobre o sacerdócio negado às mulheres, porque encomendar cada vez mais paróquias a um pároco ou importar sacerdotes do estran-

geiro não é uma solução. Lembra ao Vaticano que no Novo Testamento havia diaconisas.

Vários jornais europeus divulgaram a publicação de Colóquios Noturnos em Jerusalém, salientando a exortação do cardeal a não se afastar do concílio Vaticano II e a não ter medo de confrontar-se com os jovens.

Exatamente sobre o sexo entre jovens, Martini pede para não desperdiçar relações e emoções, aprendendo a conservar o melhor para a união matrimonial. E rompe os tabus de Paulo 6º, João Paulo 2º e o atual papa, Joseph Ratzinger. Diz: Infelizmente, a encíclica Humanae Vitae teve conseqüências negativas. Paulo 6º evitou de forma consciente o problema para os padres conciliares. Quis assumir a responsabilidade de decidir sobre os anticoncepcionais. Essa solidão na decisão não foi, em longo prazo, uma premissa positiva para tratar dos temas da sexualidade e da família.

O cardeal pede um novo olhar para o assunto, 40 anos depois do concílio. Quem dirige a Igreja hoje pode indicar uma via melhor do que a proposta pela Humanae Vitae, afirma.

Sobre a homossexualidade, o cardeal diz com sutileza: Entre meus conhecidos há casais homossexuais, homens muito estimados e sociais. Nunca me pediram, nem teria me ocorrido, condená-los.

Martini aparece no livro com toda a sua personalidade, de uma curiosidade intelectual sem limites. A ponto de reconhecer que quando era bispo perguntava a Deus: Por que não nos dá idéias melhores? Por que não nos faz mais fortes no amor e mais valentes para enfrentar os problemas atuais? Por que temos tão poucos padres?

Hoje, aposentado e doente - acaba de deixar Jerusalém, onde vivia dedicado a estudar os textos sagrados, para ser tratado por médicos na Itália -, limita-se a pedir a Deus que não o abandone.

Além do elogio a Lutero, o cardeal Martini revela suas dúvidas de fé, lembrando as que teve Teresa de Calcutá. Também

fala sobre os riscos que um bispo tem de assumir, referindo-se a sua viagem a uma prisão para falar com militantes do grupo terrorista Brigadas Vermelhas. Os escutei e roguei por eles e inclusive batizei dois gêmeos filhos de pais terroristas, nascidos durante um julgamento, relata.

Eu tive problemas com Deus, confessa em determinado momento. Foi por não conseguir entender por que fez seu filho sofrer na cruz. Acrescenta: Inclusive quando era bispo algumas vezes não conseguia olhar para o crucifixo porque a dúvida me atormentava. Também não conseguia aceitar a morte. Deus não poderia tê-la poupado aos homens, depois da de Cristo? Depois entendeu. Sem a morte não poderíamos nos entregar a Deus. Manteríamos abertas saídas de segurança. Mas não. É preciso entregar a própria esperança a Deus e crer nele.

De Jerusalém a vida se vê de outra maneira, sobretudo as parafernâlias de Roma. É o que conta Martini: Houve uma época em que eu sonhei com uma Igreja na pobreza e na humildade, que não dependesse das potências deste mundo. Uma Igreja que desse espaço para as pessoas que pensam mais além. Uma Igreja que transmitisse valor, especialmente a quem se sente pequeno ou pecador. Uma Igreja jovem. Hoje já não tenho esses sonhos. Depois dos 75 anos decidi rezar pela Igreja.

NUNCA MAIS O ERRO DE GALILEU

O cardeal Martini sempre se empenhou em estabelecer um terreno comum de discussão entre leigos e católicos, confrontando também aqueles pontos nos quais não há consenso possível. Com essa intenção abriu um dos debates mais saborosos entre intelectuais contemporâneos, publicado em 1995 na Itália com o título de In cosa crede qui non crede? (Em que crêem os que não crêem?). Tratava-se de uma série de cartas trocadas entre o cardeal e o escritor Umberto Eco, sobre temas como quando começa a vida humana, o sacerdócio ne-



gado à mulher, a ética, ou como encontrar, o laico, a luz do bem. Um setor da hierarquia católica assistiu à controvérsia com indisfarçável incômodo, mas uma década depois o mesmo cardeal Ratzinger, hoje papa Bento 16, enfrentou um debate semelhante com o filósofo alemão Jürgen Habermas sobre a relação entre fé e razão.

O cardeal Martini lamentou em 1995 que sua Igreja vivesse mergulhada em desolada resignação sobre o presente. Também admitiu diante de Eco o medo da ciência e do futuro. Então o fez com tesouros de sutileza, ele mesmo reconheceu. Dava como testemunho a prudência de Tomás de Aquino em semelhantes compromissos, por medo de Roma, que esteve a ponto de castigar quem hoje é um de seus guias mais ilustres.

O cardeal, já aposentado - quer dizer, mais livre do que quando exercia responsabilidades hierárquicas -, se expressa no novo livro com a sutileza que usou no debate com Umberto Eco, mas coloca sobre a mesa pontos de vista surpreendentes para seus pares, como o controle da natalidade e os preservativos. Soam também como chicotadas seus elogios a Martinho Lutero e o desafio a Roma para que empre-

enda com coragem algumas das reformas que o frade alemão reclamou em seu tempo.

No fundo de suas manifestações de hoje, em que o cardeal às vezes parece angustiado - com um sentimento mais trágico de sua fé -, surge o debate interminável do confronto entre a Igreja de Roma e a ciência e o pensamento moderno. Novamente é um jesuíta quem volta a colocar a discussão, para desgosto do Vaticano. A vantagem de Martini é que não está mais ao alcance de nenhuma pedra. O também jesuíta George Tyrrell, o erudito tomista irlandês, foi castigado sem contemplações e suspenso de seus sacramentos. Inclusive teve negada sua sepultura em um cemitério católico quando morreu em 1909. Seu pecado: reivindicar, como Martini, o direito de cada época a adaptar a expressão do cristianismo às certezas contemporâneas, para apaziguar o conflito absolutamente desnecessário entre fé e ciência, que é um mero espantalho teológico.

O que buscam todos esses pensadores católicos é espantar qualquer risco de cometer outra vez o erro de Galileu. É outra exigência do cardeal.

(28/5/2008) Notícias UOL

Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves

Cardeal Martini: Inveja, vaidade, calúnia e carreirismo existem também na Igreja

A inveja é o "vício clerical, por excelência", e os outros pecados capitais mais presentes na Igreja são a vaidade e a calúnia. Quem o afirma é o cardeal Carlo Maria Martini, arcebispo emérito de Milão, 81 anos, um dos nomes mais respeitados da

Igreja católica no mundo.

O cardeal Martini, que ao completar 75 anos, trocou Milão por Jerusalém, está dirigindo os exercícios espirituais em andamento na sede dos jesuítas na localidade de Ariccia, próximo de Roma.

Segundo ele, muitos, dentro

da Igreja estão 'consumidos' pela inveja. Alguns não aceitam nomeações de outros para bispo, e este não é o único pecado capital entre os homens da Igreja. O cardeal contou que costumam chegar às dioceses cartas anônimas, desacreditando

seus membros. Quando estava em Milão, mandava destruir todas as cartas com calúnias.

Dom Carlo Maria Martini denunciou também o vício da vaidade, precisando que na Igreja 'é muito grande'. "Continuamente - disse - a Igreja se des-

nuda e se reveste de ornamentos inúteis, numa tendência à ostentação, ao alarde". O cardeal citou ainda o 'carreirismo' na Igreja, e especialmente, na Cúria Romana, onde "cada um quer ser mais que o outro".

Fonte: Rádio Vaticana 06/06/2008

O encontro "amigável" entre Bento XVI e Bush é um escândalo para os cristãos

Roma, 13/06/2008. O porta voz de "Noi Siamo Chiesa" Vittorio Bellavite declarou:

"AS CARACTERÍSTICAS DO ENCONTRO DE HOJE DE BENTO XVI COM O PRESIDENTE BUSH indicam uma mudança radical nos confrontos das posições de João Paulo II. O Papa Wojtyła

conservou sempre uma linha de reserva nos confrontos com a autoridade americana, e, em particular, denunciou a guerra do Iraque, que agora é reconhecida e aceita. É um acordo com um líder que é contestado em grande parte do mun-

do, já com baixa aceitação em sua pátria e no final de seu mandato. Não se compreende esta posição do Papa senão de premiar as posições antiabortivas do presidente e lançar uma mensagem de simpatia preferencial pelo Ocidente e pela sua nação líder.

O encontro de hoje provocou um extraordinário impacto mundial. Os danos são enormes considerando que centenas de milhões de pessoas no mundo, e não só no Islam, consi-

deram o presidente Bush um criminoso de guerra e o líder de uma grande potência militar que quer dominar um mundo cheio de desigualdades e injustiças das quais ela é a principal responsável.

Muitos católicos e cristãos estão desorientados e escandalizados considerando que esta posição de Bento XVI contradiz diretamente a missão universal da Igreja e o Evangelho da libertação e da paz fundada na justiça."



A Igreja de Bento XVI: Caminho para o Integrismo

O pontificado de Bento XVI está escorregando perigosamente do conservadorismo ao integrismo. As constantes concessões aos movimentos tradicionalistas ancorados em Trento e contrários ao Concílio Vaticano II, manifestam isso. Mais que uma estratégia de diálogo e aproximação para atraí-los de novo à Igreja católica, o Papa está dando mostras inequívocas de que compartilha suas colocações pré conciliares do catolicismo e que pretende legitimá-los teologicamente, sem receber nada em troca. E para isso está disposto a revisar e corrigir o Concílio Vaticano II, do qual ele mesmo foi assessor teológico.

Dois documentos recentes o demonstram. Um é o Motu Proprio que autoriza o retorno da Missa em latim, conforme o rito do Missal Romano promulgado por São Pio V, em 1570, depois do Concílio de Trento, em resposta, segundo palavras do Papa, às "deformações da liturgia, no limite do suportável".

Esta medida foi acolhida com satisfação pela Fraternidade São Pio X - criada por Monsenhor Lefebvre-, cujo secretário geral a considera "um avanço capital na restauração da Tradição".

Eu creio que o retorno ao latim na liturgia católica está em clara contradição com o Concílio Vaticano II, partidário de rever todos os ritos integralmente, se fosse necessário, para que recobrassem novo vigor, e reformar a liturgia conforme às circunstâncias e as necessidades de nosso tempo. Eu me pergunto: voltarão os seguidores de Lefebvre a introduzir no ritual tridentino a oração "pelos perdidos judeus", que João XXIII abolira?

Entre as questões teológicas que, conforme a Fraternidade de São Pio X, devem ser abordadas, no diálogo com Bento XVI, como condição necessária para sua aproximação de Roma, encontram-se a liberdade religiosa e o ecumenismo. E, logicamente, o Concílio Vaticano II, que é, no juízo dos lefebvrianos, uma das causas fundamentais da grave crise da Igreja Católica, reconhecida pelo Cardeal Ratzinger em múltiplas ocasiões.

Pois bem, para contentar os tradicionalistas, o ecumenismo e o Vaticano II foram objeto de revisão no documento da Congregação para a Doutrina da Fé Sobre Certos Aspectos da Doutrina sobre a Igreja, que acaba de ser publicado com a aprovação do

Papa. Seguindo a lógica excludente da declaração Dominus Iesus, da mesma Congregação, quando era seu presidente o atual Pontífice, e recorrendo ao esquemático gênero literário do Catecismo (perguntas-respostas), se tenta demonstrar que o Concílio Vaticano II não supôs mudança alguma na doutrina sobre a Igreja, e que a Igreja católica é a verdadeira e única Igreja de Cristo, com exclusão expressa das Igrejas orientais, porque não reconhecem a autoridade do "Bispo de Roma e Sucessor de Pedro", e das Comunidades cristãs nascidas da Reforma, as quais ele nem sequer reconhece como "Igrejas", porque não têm sucessão apostólica mediante o sacramento da Ordem.

Tais respostas desnaturalizam o espírito inclusivo do Concílio, falseiam objetivamente sua letra, e se situam nos antípodas da atitude dialogante de João XXIII e Paulo VI. Com uma atitude tão excludente como a dessa Declaração se rompem todas as pontes de comunicação do catolicismo com as demais Igrejas cristãs, e se torna impossível, na prática, o diálogo ecumênico - já de per si muito deteriorado. O que, se fosse possível, se torna ainda mais preocupante, já que tal diálogo

era uma das prioridades do pontificado de Bento XVI. A conclusão desta sequência de atuações não pode ser mais desesperadora, pois, como afirma Raimon Panikkar, "sem diálogo, o ser humano se asfixia e as religiões se anquilosam", e, acrescento eu, os crentes podem reviver o velho espírito das guerras de religião.

Ademais, o Concílio está acima de qualquer instância de autoridade na Igreja e, é evidente, acima da interpretação distorcida que possa oferecer uma Congregação, neste caso, a da Doutrina da Fé. Mais ainda se se trata de um Concílio Ecumênico, como o Vaticano II, que reuniu todos os Bispos do mundo, contou com a presença de observadores de todas as Igrejas cristãs, e aprovou uma série de documentos obrigatórios de serem cumpridos por todos os católicos, inclusive pelo Papa. Creio que existe um amplo consenso entre os teólogos, as teólogas e os Bispos de que o Concílio Vaticano II mudou, e mudou substancialmente, a doutrina anterior sobre a Igreja. Esta não se considera mais como sociedade perfeita, hierárquica, e desigual, por vontade divina (assim a definiram os Papas Leão XIII e Pio X, entre outros). Ela se auto-compreende, antes, como

mistério, Povo de Deus e comunidade de crentes, na qual todos os cristãos, do Papa aos simples crentes, são iguais pelo Batismo. Colocavam-se assim as bases para a democratização da instituição eclesial, que até então se estruturava de modo estatal através da oposição clérigos-leigos, hierarquia-povo, Igreja discente-Igreja docente, mais própria da Idade Média que da modernidade.

O Cardeal Suenens, um dos padres conciliares que mais impulsionaram a reforma, qualificou o Concílio de "revolução copernicana". Para o Cardeal Montini, depois Paulo VI, o Vaticano II foi um Concílio "de reformas positivas, mais que de castigos, de exortações mais que de anátemas". Para isso foi preciso vencer as resistências dos contra-reformistas da Cúria e de não poucos Bispos tridentinos. Talvez João XXIII estava pensando neles quando no discurso de abertura do Concílio afirmou: "Inflamados de zelo religioso, carecem de juízo reto e de ponderação em seu modo de ver as coisas. Na situação atual da sociedade só vêm, ruínas e desastres. Andam dizendo que nossa época, comparada com as anteriores, é muito pior, se

comportam como se a história, que é mestra da vida, não tivesse nada a lhes ensinar".

Antecipando-se em várias décadas ao atual clima de diálogo inter-religioso e intercultural, o Vaticano II optou pelo diálogo multilateral: diálogo com a história, depois de séculos de ter vivido de costas para ela; diálogo no interior da própria comunidade católica, ameaçada de não comunicação; com as Igrejas cristãs, às quais reconhece como irmãs na diferença e dentro do respeito ao pluralismo; com a cultura moderna e em concreto com o ateísmo, a quem considera interlocutor necessário; com as religiões não cristãs, que valoriza como caminhos de salvação.

As concessões litúrgicas de Bento XVI, sua interpretação pré moderna do Concílio Vaticano II, e desvalorização das outras confissões cristãs colocam a Igreja Católica no caminho do integrismo e lhe fazem perder credibilidade. O preço a pagar pela aproximação dos integristas é seu próprio isolamento e o afastamento da sociedade.

Por Juan José Tamayo
Catedrático de Teología e Ciência
das Religiões da Universidade
Carlos III de Madrid - *Diário El País*,
Espanha, 1 de Abril de 2008



Entrevista de um dos mais lúcidos analistas da Igreja na América Latina

No Terceiro Mundo, apareceram, depois da crise sacerdotal posterior ao Concílio, seminaristas com um nível intelectual muito fraco. Na medida em que o nível intelectual é fraco, eles são mais autoritários e se agarram no direito canônico.

Mas, hoje, os evangelizadores são os movimentos, pois João Paulo II sempre desconfiou dos religiosos.

No entanto, esses movimentos são burgueses".

José Comblin.

18.06.08 - IHU - Unisinos Adital - BRASIL - Entrevista com José Comblin: Uma vida na América Latina a serviço da libertação

Na última semana, o IHU recebeu a visita do Pe. José Comblin. Ele palestrou sobre a originalidade histórica da Conferência de Medellín durante o evento De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias e perspectivas da Igreja Latino-Americana. A IHU On-Line aproveitou a sua vinda e conversou pessoalmente com ele sobre sua trajetória, sua vida e sobre alguns aspectos prática teológica, hoje. Muito franco, ele afirma que não haverá outra geração como a de Medellín. "Uma geração como aquela que fez Medellín só acontece uma vez na história. Quando diversos países se encontram com a mesma perspectiva, é milagroso! É muito difícil se imaginar que isso possa se reproduzir novamente". Um pouco da sua história pode ser lida nesta entrevista. Um pouco apenas, visto que a história de quem dedicou praticamente uma vida toda à América Latina, como é seu caso, é bastante longa e profunda.

José Comblin é teólogo. Participou do primeiro grupo da Teologia da Libertação. Esteve na raiz das equipes de formação de seminaristas no campo em Pernambuco e na Paraíba (1969), do seminário rural de Talca, no Chile (1978) e, depois, na Paraíba, em Serra Redonda (1981). Estas iniciativas deram origem à chamada Teologia da enxada. Além disso, esteve na origem da criação dos Missionários do Campo (1981), das Missionárias do Meio Popular (1986), dos Missionários formados em Juazeiro da Bahia (1989), na Paraíba (1994) e em Tocantins (1997). É autor de inúmeros livros, dentre eles A ideologia da segurança nacional: o poder militar na América Latina (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978). O IHU acaba de publicar o Cadernos

Teologia Pública nº 36, intitulado Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois, com a conferência que ele proferiu no evento.

CONFIRA A ENTREVISTA. IHU On-Line - Como o senhor veio para o Brasil?

José Comblin - Eu vim a pedido do Papa Pio XII, que tinha um temor tremendo do comunismo. Ele fez um apelo, na década de 1950, a todos os episcopados do mundo para mandar sacerdotes à América Latina com o intuito de salvar o continente do comunismo, porque estava convencido de que este ia invadir toda a América Latina. Aí, então, todas as dioceses foram avisadas pelos seus respectivos bispos de que o Papa tinha pedido isso. O meu bispo deu a entender que não gostava muito da idéia, mas, já que era um pedido do Papa, se houvesse algum candidato ele iria examinar. Aí me apresentei porque já estava cansado de ficar lá (na Bélgica) e procurava uma oportunidade para sair do país. Quase todos que saíram de lá para lutar contra o comunismo viraram comunistas (risos). Porque, chegando aqui, logo se viu que quem tinha pre-ocupação social era visto como comunista. Então, foi isso. Havia muitos "comunistas" e por isso havia a impressão de que o país iria se transformar. Agora, comunista mesmo, do partido...

Trabalhei por quatro anos em Campinas e um dia estava trabalhando com os operários de lá e perguntei se havia comunismo no país e eles me responderam que sim. Então, eu disse que ainda não tinha visto e me falaram: "Sim, tem muitos comunistas em Campinas, mas a metade é da polícia que está infiltrada". Era, de fato, um número insignificante diante do temor do Papa. Getúlio Vargas tinha acabado com o comunismo.

Antes de vir, sabia que precisava vir para a América Latina e que era necessário escolher entre a língua espanhola e o português. Escolhi o português, mas é claro que eu não sabia nada do Brasil. Ninguém, aliás, conhecia o país. Então, com dois colegas, respondemos ao pedido do arcebispo de Campinas. Ele queria três sacerdotes que fossem doutores, mas nunca explicou o motivo e para quê. Ficamos lá quatro anos e ele nunca disse o que queria. Depois de quatro anos, eu falei: "Eu tenho a impressão de estar sobrando; o senhor permite que a gente vá buscar outros desafios?". E ele nos res-



pondeu: "Ah! Pois não, pois não". Eu só soube a explicação 30 anos depois. O bispo não estava satisfeito com o reitor da Universidade Católica. O reitor administrava a universidade como um negócio e não tinha lá nenhuma pessoa para substituí-lo e aí foi pedir lá fora. O reitor logo entendeu e criou todo um movimento de resistência e queria defender sua posição. Então, o bispo viu que o reitor tinha uma força social muito grande e, depois de quatro anos, ele nos liberou e cada um foi procurar outro trabalho.

IHU On-Line - E, hoje, olhando para trás, como o senhor analisa a sua vida na América Latina?

José Comblin - Isso foi a salvação, porque eu, há 60 anos, estava muito consciente do movimento de des cristianização da Europa, que hoje já está quase completo. Os sinais já eram claros naquele tempo. A Igreja estava no governo da maioria dos países, havia uma democracia cristã, escolas poderosas, organizações, sindicatos... Mas faltava fé! Como passar a vida toda assistindo a uma decadência? Primeiro, eu procurei ir para a África, mas não não foi possível e, em seguida, veio Pio XXI com essa campanha e aproveitei. Foi muito interessante. Toda etapa entre 1960 e 1985 foi uma aventura muito grande, uma época muito interessante.

IHU On-Line - E como foi seu retorno para o Brasil depois do exílio?

José Comblin - Houve dois retornos. Em 1962, eu recebi um convite da Faculdade de Teologia da Universidade do Chile. Como não tinha nada definido no Brasil, aceitei o convite deles e assinei um contrato de três anos. Nas férias, eu vinha passar pelo Brasil e aí Dom Hélder me convidou. Ele já estava no Recife. Ali fiquei sete anos. Em 1972, aconteceu a expulsão do Brasil e voltei para o Chile que estava sob o governo de Allende. Pensei que naquele país poderiam acontecer coisas interessantes. Só que um ano

depois aconteceu o golpe. Fiquei lá até 1980 e fui expulso do Chile também. Nessa época, as portas do Brasil voltaram a se abrir para mim e com isso voltei. Dom Hélder já estava no final do seu mandato e procuramos Dom José Maria Pires, arcebispo da Paraíba, que tinha a mesma inspiração, mas era bem mais jovem. Dom José Maria Pires nos acolheu e acolheu todos os projetos que a gente tinha.

IHU On-Line - Pode nos contar um pouco sobre o seu trabalho teórico antes de vir para o Brasil?

José Comblin - Antes de vir para o Brasil, não fiz muita coisa de Teologia. Depois dos estudos, fui enviado a uma paróquia onde fiquei oito anos. Fiz alguns cursinhos sem significado importante, algumas assistências... Nada de importante.

IHU On-Line - Como o senhor analisa hoje a presença da Igreja em sua vida e a sua presença na evolução da Igreja Católica?

José Comblin - Parte dessa resposta você precisa perguntar aos outros o que eles acham. Para mim, foi muito interessante. Eu aproveitei muito. Eu pude conviver com Dom Hélder por muitos anos, assim como com Dom Leônidas Provão, no Equador, com Manuel Larraín, no Chile... Com todos os grandes da Igreja latino-americana. Conheci os grandes bispos de Medellín pessoalmente, colaborando muito, porque andei muito pela América Latina. Depois veio um novo pontificado e aí a coisa mudou. Mas, como eu digo sempre, uma geração como aquela que fez Medellín só acontece uma vez na história. Quando diversos países se encontram com a mesma perspectiva, é milagroso! É muito difícil se imaginar que isso possa se reproduzir novamente. Daqui a mil anos, talvez. Foi uma situação privilegiada para mim.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a evolução da Igreja e das religiões?

José Comblin - Depois da aventura do Concílio, chegou João Paulo II, o Papa polonês. Sabendo que era polonês, já se podia prever tudo o que iria acontecer depois. Polonês é autoritário. Na Polônia, nunca houve experiência democrática: o chefe é o chefe, simplesmente. Ele era assim. Era muito gentil e amável, mas autoritário. Os novos bispos nomeados pelo Papa eram piores do que os que estavam antes. Isso ainda continua. Alguns se salvam, claro.

A impressão que se tem é que primeiro se escolhe aqueles que têm obediência à Santa Sé. Essa é a primeira condição. A segunda é não ter pensamento nem iniciativa, para não se comprometer. Criou-se uma ideologia e um tipo de religião para poucos. Muita gente escapa, mas globalmente é a hierarquia que fala. Às vezes, alguém levanta a palavra, como Dom Luiz Cappio. A primeira vez que ele fez o jejum veio uma carta de Roma obrigando-o a deixar dele, isso porque o Lula mandou um embaixador à Roma, porque ele não conseguiu fazer com que Dom Luiz cessasse o jejum. Durante o segundo jejum, Roma foi mais prudente, mas ele me contou que recebeu uma carta que recomendava a desistência. Ele me disse que como era uma recomendação, e não ordem, não tinha por que aceitar a recomendação, até que houve o incidente do desmaio e ele finalmente deixou do jejum.

IHU On-Line - Como o senhor analisa o trabalho teológico atual?

José Comblin - Faltou outra geração da Teologia. Agora todos têm mais de 70 anos e depois disso um ou outro se destacou. Coincide com o fato de que todos os seminaristas que estudam fora vão para Roma. Precisamos de uma nova geração que não queira estudar em Roma, mas até agora isso ainda não aconteceu. No Terceiro Mundo, apareceram, depois da crise sacerdotal posterior ao Concílio, seminaristas com um nível intelectual muito fraco. Na medida em que o nível intelectual é fraco, eles são mais autoritários e se agarram no direito canônico. Mas, hoje, os evangelizadores são os movimentos, pois João Paulo II sempre desconfiou dos religiosos. No entanto, esses movimentos são burgueses. De qualquer modo, o mundo sempre muda...

No entanto, se hoje a Igreja não se move é porque a sociedade não se move. O que acontece na América Latina são sinais positivos, porque a influência que os Estados Unidos têm sobre ela não conseguiu derrubar Chávez e Correa. Vamos ver o que acontece na Bolívia! Agora, depende do Lula, porque se grandes países aceitam a divisão da Bolívia isso se dará tranquilamente, mas, se o Brasil e Argentina se opõem, o projeto de divisão não andar. De qualquer maneira, só a eleição de um índio mostra que a sociedade latino-americana

Dom Aloísio Lorscheider

O artigo de D. Demétrio revela coisas que precisam ser ditas sobre D. Aloísio.

Ainda: foi-me dito por Lauro Mota e como ele já morreu o Grupo de Fortaleza pode confirmar isto: D. Aloísio abriu as portas de sua casa para os padres casados fazerem reunião do MPC.

Mais: Quando pressionado pelo Vaticano para exonerar os padres casados do Instituto de Teologia ele reagiu veementemente: "É melhor fechar o Instituto pois estes padres são os melhores professores que eu tenho". E Roma silenciou.

Por tudo isto acho que vale a pena lançar estas sementes que têm nome e endereço.

Almir Simões

Dom Aloísio partiu. No apagar das luzes de 2007, apagou-se a chama luminosa de sua privilegiada inteligência. Silenciou o coração bondoso que resistiu a tantos embates. Descansou o laborioso frade franciscano, o teólogo competente, o bispo dedicado, o cristão humilde e temente a Deus. Morreu o cardeal que cativou os corações e que deixa tantas saudades.

Sentiremos sua falta. Sobretudo em nossas assembleias. Não teremos mais sua análise de conjuntura teológica, vazada em linguagem simples, fluente, acessível, e ao mesmo tempo profunda, que ele nos fazia todos os anos, ao longo das presidências de D. Ivo seu primo, de D. Luciano seu amigo, e de D. Jayme seu conterrâneo. Suas posições claras e serenas inspiravam confiança em todos, e davam firmeza para nossas opções pastorais.

No parecer do Pe. Alberto Antoniazzi, D. Aloísio era o "bispo comple-

to": humanamente dotado de exímias virtudes, que nele se traduziam em grande bondade que inspirava profunda confiança; uma esmerada formação teológica; um apurado senso pastoral; uma incansável disposição para o trabalho; uma lúcida percepção dos problemas, sem que lhe faltasse a intrépida coragem de se posicionar serenamente em favor das mudanças que a Igreja deveria fazer.

Tive o privilégio de conhecê-lo quando ele ainda não era bispo, e lecionava teologia em Roma, no Antonianum. Com muita simplicidade vinha ao seminário onde estávamos, no Pio Brasileiro, simplesmente para visitar o Oliveira, amigo seu, de Divinópolis, onde o próprio D. Aloísio tinha feito seus estudos fundamentais de filosofia e teologia. Depois, ficamos sabendo que aquele frade muito simples e muito amigo tinha ficado bispo de Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul.

Mas então se dava uma coincidência muito importante, que traçou a trajetória de D. Aloísio. Ele foi eleito bispo no início de 1962, ano em que no mês de outubro iria começar o Concílio Vaticano II. Dom Aloísio tinha todas as condições para mergulhar fundo nos debates conciliares, e prestar um valioso serviço aos seus colegas bispos brasileiros.

D. Aloísio foi cedo valorizado pelo episcopado brasileiro, graças à perspicácia de D. Hélder e do pequeno grupo de líderes que procurou organizar a "bandada" da CNBB no Concílio.

Pude presenciar um lance decisivo. Os bispos do Brasil se hospedavam na "Domus Mariae", a casa da Ação Católica italiana, que ficava ao lado do Pio Brasileiro. Logo na primeira reunião que realizaram, enquanto se organizavam as comissões do

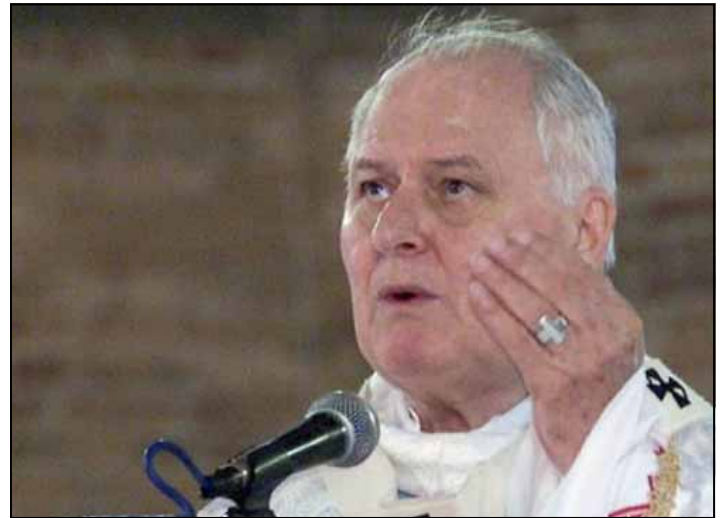
Concílio, D. José Távora veio ao encontro de D. João Aloísio Hoffmann, e perguntou: - É você o bispo teólogo? E Dom João respondeu: - Não, eu sou um pobre colono! O teólogo é aquele lá!

E apontou para D. Aloísio Lorscheider, a quem de imediato D. Távora se dirigiu, convidando-o a coordenar as reuniões de estudo, que passaram a ser feitas com assiduidade na Domus Mariae ao longo de todo o Concílio. Foi lá que D. Aloísio se firmou como baluarte do episcopado brasileiro.

Terminado o Concílio, ele foi cedo eleito secretário geral da CNBB, posto que lhe abriu o caminho para a presidência, que ele exerceu por dois mandatos seguidos, nos duros tempos da ditadura brasileira, enquanto era também eleito presidente do Celam, atingindo o auge de sua influência no final do pontificado de Paulo VI, que o admirava muito e lhe pedia com frequência sua ajuda competente.

E aí se inscreve um obscuro capítulo da vida de D. Aloísio. No conclave em que foi eleito papa o Cardeal Luciani, D. Aloísio era o cardeal que mais se destacava entre todos os que não eram italianos. E sobre ele se dirigiam as expectativas para a hipótese de ser eleito um cardeal que não fosse italiano. Consta que o próprio João Paulo I teria confidenciado seu voto em D. Aloísio.

E por que então D. Aloísio não foi eleito no conclave que se seguiu à repentina morte de Luciani? Aí entra o episódio que alterou a situação. Infelizmente, nos dias que antecederam a morte de João Paulo I, D. Aloísio teve uma crise cardíaca, enquanto pregava retiro aos padres da diocese de Santa Cruz do Sul. Superada a crise, foi para o conclave. Dizem que em



Roma tinham até preparado uma cadeira de rodas para receber D. Aloísio no aeroporto, para mostrar que este cardeal estava fora de combate! O episódio teve evidente repercussão. Morto um papa de repente, não iam eleger um cardeal que tinha problemas cardíacos.

Pois bem, agora a história comprova que ele teria tido um longo, e certamente profícuo pontificado. Mas D. Aloísio soube servir a Igreja com muita dedicação, mesmo não sendo papa. Tornou-se uma referência importante, por seu testemunho de humilde competência e de serena coragem.

Em dois contextos a presença de D. Aloísio foi particularmente importante: para o povo simples, de quem ele foi pastor, e para a CNBB, que ele qualificou com sua lúcida contribuição teológica.

A propósito, permito-me citar um episódio de cada contexto, entre muitos outros que poderiam ser lembrados.

Ele foi bispo de Fortaleza durante 22 anos. Era comovente ouvi-lo contar as peripécias de suas visitas pastorais no sertão do Ceará. Hospedava-se na casa da gente simples e humilde. Certa vez, a dona de casa ficou tão contente com a visita do bispo que resolveu preparar-lhe um café com o pó

guardado em casa há muito tempo. Colocou a chaleira sobre o fogo para ferver a água, junto com o café. Mas na hora de servir o café, o bico da chaleira estava trancado. Acontece que uma pobre barata tinha se refugiado na chaleira, e tinha fervido junto com a água e o café. Quando a dona de casa se deu conta, não teve dúvidas: tirou a barata, e serviu o café! D. Aloísio, como bom teólogo, se lembrou das palavras do Evangelho: "Se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum" (Mc 16,18). E como bom pastor, tomou o café, para alegria de todos que assim puderam preparar para o bispo o melhor que podiam lhe oferecer!

Certa vez, na assembleia da CNBB, D. Posamai, Bispo de Ji-Paraná em Rondônia, pediu que a CNBB solicitasse a Roma a autorização para os Diáconos, na Amazônia, poderem ao menos conferir a unção dos enfermos aos moribundos, pois na Amazônia todos morrem sem este conforto cristão. Parecia um pedido teologicamente equivocado, como D. Amaury Castanho logo reagiu, lembrando São Tiago: "se alguém está doente, chamem os presbíteros".

Foi então que D. Aloí-

sio, sentado atrás de D. Amaury, tocou no ombro dele e falou: "Dom Amaury, a palavra 'presbítero' neste contexto não tem o mesmo sentido que lhe damos hoje!". D. Amaury ficou incomodado, mas silenciou diante do cardeal. No intervalo, aproveitei para perguntar a D. Aloísio, imaginando-o papa: - Diante deste pedido, o que o Sr. faria?

Foi então que D. Aloísio desabafou: - Se fosse por mim, distribuiria o ministério de acordo com as necessidades do povo. Se a comunidade precisasse de um confessor, diria para alguém: você vai atender confissões e perdoar a todo mundo. Se precisasse de alguém para urgir os enfermos, incumbiria uma pessoa para cuidar bem disto. E se a comunidade precisasse de alguém para presidir a Eucaristia, simplesmente alguém da comunidade poderia ser designado para isto. Esta questão dos ministérios precisa ser revista de alto a baixo, desde o ministério de Pedro até o último ministério a ser implantado nas pequenas comunidades.

Assim pensava D. Aloísio. Este o cardeal que quase ficou papa. Este o cardeal que não ficou papa. Infelizmente!

Dom Demétrio Valentini
bispo de Jales (SP)



ESPIRITUALIDADE

Minhas amigas e meus amigos. Reparti com vocês na edição anterior a 1ª parte de uma experiência que compartilho com Papai/Mamãe do céu todas as manhãs e noites. Ela abrange os 4 cultos devidos a Deus: latrêutico (louvor), eucarístico (agradecimento), penitencial (arrependimento) e petição (pedidos). Hoje completo os 4 cultos, resumidamente. Assim facilita recortar ou xerocar este gostoso diálogo diário. Gilberto, desde Porto Belo SC.

LOUVOADEUS

VIDA - interna e externa
ETERNIDADE - início e fim de tudo
PERFEIÇÃO - intrínseca e extrínseca
LUZ - do mundo
COMPREENSÃO - até à Encarnação
PRESENÇA - justa e amiga
PODER - liderança prestativa
AMOR - dativo e receptivo
PAZ - profunda, shalom
SEGURANÇA - total
EQUILÍBRIO - universal

Ó Deus Pai/Mãe, Deus Filho/Ungido, Deus Espírito/Sopro: te louvo, bendigo, exalto, adoro ontem, hoje e sempre! Aleluia! Hosana!

PEÇO PERDÃO A DEUS

Eu pecador me confesso a ti, Deus.
 Das muitas infidelidades, pecados de:
 PENSAMENTOS, desejos
 PALAVRAS, comentários
 ATOS, atitudes
 OMISSÕES, relaxamentos
 Pela paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, Deus todo poderoso tenha compaixão de mim, perdoe meus pecados, e me conduza à vida eterna!

AGRADEÇO A DEUS

Minha VIDA - física, mental, espiritual, social etc.
M/ LONGEVIDADE - tantos anos de vida
M/ SAÚDE - física e mental
M/ LUZ - física, mental, racional, memorial, social
M/ COMPREENSÃO - de Deus, de mim, do mundo
M/ PRESENÇA - no mundo, e do mundo em mim
M/ LIDERANÇA - e serviços prestados
M/ AMORES - pessoas que eu amo e que me amam
M/ PAZ - interior e com os outros
M/ SEGURANÇA - pessoal, dos bens, da família
M/ EQUILÍBRIO - comportamental, financeiro, etc.

Ó Deus: Muito obrigado, Muchas gracias, Thank You very much, Merci beaucoup, Viele danke, Tante grazie, Gratias multas, Eukaristia, Arigatô! Etc.

PEÇO GRACAS A DEUS

VIDA plena em todos os aspectos
LONGEVIDADE até ? (100) anos
SAÚDE física, mental etc.
LUZ física, mental, memorial, social
COMPREENSÃO de mim, de ti, do mundo
PRESENÇA de mim no mundo, dele em mim
LIDERANÇA na família, sociedade, Igreja etc.
AMOR a ti, a mim, à família, a todos
PAZ dentro de mim, e fora com todos
SEGURANÇA de mim, família, casa, bens
EQUILÍBRIO pessoal, familiar, social



HABITAR CONSIGO

A tarde da sexta carrega a esperança e a tarde do domingo carrega a angústia, assim como o amanhecer dá novo alento e o anoitecer nos traz o sentido dos nossos limites. Somos feitos para o infinito e para o absoluto. Nada sacia nossa fome. Procuramos de nos preencher nos afazeres, nos bens materiais e quanto mais tentamos, mais aumenta nossa angústia.

Na sexta planejamos o suspirado descanso na expectativa do encontro com a felicidade através dos amigos, passeios, cervejas, futebol, e até no consolo religioso dos nossos cultos, mas, ao cair da tarde do domingo, muitas vezes, somos assaltados pelo nó da angústia.

O que nós procuramos fora de nós fica escondido no ponto mais recôndito do nosso ser. Sem saber, sem querer, a angustiantemente procura da felicidade é a procura de nós mesmos, do nosso ser, do nosso verdadeiro eu, (o self) aquele ser único e irrepetível criado por Deus, como imagem única e de uma faceta da grandiosidade divina.

Talvez nossa a nobreza de imagem divina que somos, nos amedronte e por isso fugimos do Éden do nosso ser e nos refugiamos bem longe de nós (in terram longinquam) à procura do alívio que ninguém nos ofe-

rece e que somos obrigados a disputar com os porcos. O regresso à casa paterna é doloroso, requer trabalho e renúncia aos nossos hábitos. A meditação e particularmente, a meditação cristã é com certeza, um dos caminhos mais curtos e seguros para reencontrar nossa imagem divina, nossa perola preciosa, nossa moeda que está perdida na nossa casa. Os mestres da espiritualidade ensinam que o silêncio da meditação é o caminho do encontro consigo. Neste encontro nós nos unificamos. Perdemos a condição de sermos múltiplos. Unificamos-nos na unicidade do nosso ser e dos vários papéis sociais do nosso dia a dia. Passamos a ser uma única pessoa e não artistas representando diversas personagens. Encontramos a nossa verdadeira identidade na simplicidade e pacificação do ser. O exercício diário da meditação aos poucos nos despoja do ego, e nos unifica ao Ser maior que nos habita e no qual habitamos.

Lentamente, se formos sérios na disciplina, nos despojamos do excessivo apego à nossa racionalidade, às nossas teologias.

Deus não estará aprisionado em dogmas, não será apenas objeto de estudo ou curiosidade para nosso deleite, um nome, um nosso ídolo

a massagear nosso ego revestido de bizantinos argumentos. Ele suavemente nos aparecerá como revelação amorosa: o Evento para nós a ser contemplado desde numa flor, num por de sol, ou em um acontecimento doloroso e até quando sentimos a ausência ou abandono Dele.

A pedido do nosso bravo jornalista Gilberto Luis Gonzaga estou escrevendo isso para o *Jornal Rumos* refletindo sobre minha vida juntamente com os irmãos padres casados.

Tudo é importante e tudo é verdadeiro: celebrações de sacramentos, pregação, sacerdócio "aeternum", celibato ou matrimônio, caráter indelével, ou presbiterado a pedido e a serviço do povo de Deus, tradição e até a própria bíblia, tudo é bom e tudo é relativo ou até sacrilego se no altar do nosso coração colocarmos apenas o nosso EGO ao qual oferecer o incenso da nossa cultura eclesialística.

Queremos transmitir vida? Em primeiro lugar é preciso atingir diretamente da fonte e Deus é a única Fonte! (Fons Vitae) Isso só pode acontecer no contato incessante com Ele na oração, não importa com e qual. É preciso fechar a porta, até do nosso raciocínio, das nossas palavras: "O Pai sabe do que precisamos". Nós não sabemos

o que e como pedir, mas o Espírito do Pai e o do Filho nos irá sugerir com gemidos inenarráveis.

Para isso precisamos preparar nosso coração para a escuta, deixar que no templo do nosso coração ecoe a Palavra e que a única oração seja do Cristo.

Então no banquete com Ele nossos olhos se abrirão e reconheceremos o Evento do Cristo em nós! Sentiremos arder nosso coração e expandir-se nossa consciência. Surgirá forte o apelo para a volta a Jerusalém para o encontro com os irmãos para juntos festejar o Ressuscitado. Ai nossa vida será celebrativa seja na mesa com a família, seja no trabalho e conforme a inspiração celebrar, com pão e o vinho o mistério da Presença real especial até amparados pelo Direito Canônico. (Conferecãon 1335).

Se tudo isso é verdade e é possível o que nos falta? Despojados dos "privilegiados" eclesialísticos não adquirimos mais liberdade? Nossa situação não se parece mais com o Cristo leigo em sua vida terrena? Isso não constitui mais um dom divino a gozar de segunda-feira a domingo do repouso do sábado, mesmo no paradoxo do trabalho e da perseguição da besta?

Mário Palumbo

MEDITAR FAZ BEM AO CORAÇÃO

Pesquisas mostram que a meditação ajuda no tratamento de doenças cardíacas.

A meditação técnica - cujo objetivo é interromper o fluxo de pensamentos na mente - está se tornando uma aliada cada vez mais forte no tratamento das doenças do coração.

Diversos estudos apontam neste sentido. Um dos mais recentes foi realizado pela Universidade da Pensilvânia (EUA) com portadores de insuficiência cardíaca: incapacidade de o coração bombear sangue para o resto do corpo.

Foram selecionados 23 pacientes recém-hospitalizados. Eles foram divididos em dois grupos. O primeiro foi orientado a praticar a meditação todos os dias, durante 20 minutos, enquanto o segundo recebeu o suporte de informações médicas a respeito da doença. O experimento durou seis meses e neste período todos os pacientes continuaram a tomar seus medicamentos convencionais. Aqueles que pratica-

ram a meditação tiveram melhor desempenho nos testes efetuados três e seis meses após o início da pesquisa. Eles demonstraram maior condicionamento físico e apresentaram menores índices de depressão, febre e hospitalização.

"A meditação pode ser um complemento eficaz para melhorar a qualidade de vida do paciente", diz o médico Ravishankar Jayadevappa, coordenador do trabalho.

Outro estudo, feito na Univ. Maharishi (EUA), concluiu que essa prática auxilia na redução da pressão arterial. De acordo com a pesquisa, realizada com 150 pacientes acompanhados durante um ano, o grupo que meditou obteve melhor controle da pressão e precisou de menos remédios, comparado aos pacientes que se submeteram a exercícios de relaxamento ou aos que só receberam informações de saúde.

ISTOÉ/1970 de 1º/08/2007

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Por julgá-las talvez de algum interesse para os leitores, resumo aqui algumas notas rabiscadas durante a viagem que fizemos, entre abril e junho, Irene, André e eu, por ocasião da defesa da tese de doutorado do nosso filho, no Instituto Karolinska de Estocolmo.

SUÉCIA

Em Estocolmo, entre outros interesses, tínhamos o de observar a vivência religiosa de uma cidade onde existem tantas igrejas, muitas delas aparentemente desertas. Era sábado. Ao passar, vendo tanta gente a entrar apressada na Gregorius Kyrka, entramos também. Estava atestado de pessoas de todas as idades, mudas, como meros espectadores. Lá à frente, o clérigo ministrante, voltado para o povo, mantinha um diálogo sagrado, não com ele, com o coro de uma dúzia de cantores. Aquilo lembrava as tragédias gregas, onde os atores alternavam com o coro, diante de um anfiteatro atento e silencioso. Estes fiéis eram imigrantes ortodoxos.

No domingo de manhã, saímos de novo em busca de um serviço religioso. Deparamos logo com um templo moderno: a Immanuel Kyrka, uma igreja aberta e livre - como rezava o folheto -, sem vínculo com qualquer outra denominação. Entramos. Um enorme salão, onde, pelo contexto, era a "palavra" que imperava. O púlpito era o destaque. Não havia ninguém. No momento, tinha lugar, num salão do subsolo, um serviço em inglês. Descemos. Música e cantos de sabor americano. Auditório variado. Pregava uma mulher sobre a família, referindo textos bíblicos e realidades atuais. Fazia-o muito bem, não lhe faltando sequer humor. Contou uma anedota. Um homem pergunta à esposa por que é que as mulheres usam trinta mil palavras por dia, enquanto os homens apenas quinze. Resposta da mulher: "Ora, porque os homens não entendem e a mulher tem de lhes repetir, uma e mais vezes, a mesma coisa". E o homem: "O quê? Que é que disseste?"

Perto, erguia-se, lá no alto, a majestosa Johannes Kyrka, hoje confiada aos imigrantes poloneses. Os sinos convocavam para a missa. Fomos. O templo estava repleto. A liturgia falava polonês, compenetrava os fiéis, mas era, toda ela, tradicional. Pensamos no Papa Karol Wojtyła.

Descendo para o Sul, de repente, o amigo sueco que nos levava, abandonou a auto-es-

trada e, enveredando por uma via rural, conduziu-nos, por entre povoados, florestas e campos de cultivo, até Vadstena, onde se encontra a velha igreja (1430) e as antigas instalações dos mosteiros feminino e masculino, ligados à história de Santa Brígida, declarada por João Paulo II "padroeira da Europa". É hoje um lugar de peregrinações e centro ecumênico.

Lund, no sul da Suécia, é uma típica cidade universitária. Lá chegados, num dia chuvoso, primeiro de maio, percorremos a pé várias ruas e praças. Numa delas, ampla e capaz, havia uma tribuna, onde um senhor já idoso proferia o seu inflamado discurso para meia dúzia de cidadãos. Eram os comunistas. E tivemos a sensação de que até as próprias ideologias se desgastam e esfumam depressa num tempo voraz como o nosso.

Visitamos ainda a velha catedral (1145), na hora do início do culto. Ao som do órgão, irrompeu do fundo da igreja o celebrante que, revestido dos mesmos paramentos da Igreja Católica, caminhava para o altar, acompanhado de duas diaconisas também paramentadas a rigor. Como já tínhamos observado, assistindo a uma missa, presidida por uma presbítera, na bela catedral de Upsala, a Igreja da Suécia tornou-se oficialmente luterana, mas conservou muito da alma católica. O rito da missa é o mesmo.

ALEMANHA

Passamos lá duas semanas, visitando os parentes. No Pentecostes, participamos da missa no antigo mosteiro beneditino de St Peter, na Floresta Negra, não longe da cidade de Freiburg. A igreja barroca, estava então mais linda com os belos trajes típicos dos fiéis da região.

ITÁLIA

Em Roma, hospedamo-nos na casa de um amigo, funcionário da Embaixada do Brasil, perto da Piazza Navona, onde a Embaixada ocupa um grande e antigo palácio, cuja manutenção, só ela, deve custar ao Brasil elevadas somas.

Já conhecedores de Roma, contentamo-nos com encontrar alguns amigos, calcorriar velhas ruas e rever alguns monumentos. Fomos à Basílica de São Pedro. Que diferença! Noutros tempos, atravessada a praça, entrava-se e saía-se à vontade. Hoje, há que entrar numa fila quase quilométrica e passar pelos aparelhos detectores de metais para demonstrar que não somos terroristas. Sujeitamo-



nos. E, depois de admirarmos a grandeza da basílica, a mole da sua pesada estrutura e a imponência das suas esculturas, tivemos de admirar também o gênio artístico de um povo, mas, ao mesmo tempo, a sua propensão ao exagero e à teatralidade.

Em São Pedro, detivemo-nos, como a maioria dos turistas, diante do sepulcro de João XXIII, hoje exposto em plena basílica. Recordamos o bom Papa, rezamos, desfiamos as nossas esperanças, mas também as nossas incertezas e indagações.

No domingo da Santíssima Trindade, andando pela Piazza Navona, entramos na Chiesa Santa Agnese. Dali a meia hora, seria a missa. Ficamos. O pároco, um homem dos seus setenta anos, não tinha ninguém que o ajudasse. Apenas uma mulher, que fazia alguns comentários ao microfone. A assistência compunha-se exclusivamente de pessoas adultas e idosas. Chegada a homília, o celebrante, homem bem preparado, cotejou a Trindade com a família e, a seguir, a situação anômala da solidão do padre. Aqui, o seu discurso foi vacilante e confuso.

Viajamos depois para Veneza, hospedando-nos em Pádua, donde partíamos cada manhã para visitar a cidade dos doges, dos canais e das gôndolas. Dois dias de assombro e de surpresas. Bastaria a viagem de barco ao longo do Grande Canal e ver aquele sem-número de palácios afundando na água para nos darmos conta do passado de riqueza desta grande cidade. Mas quase toda ela lembra um passado de esplendor, assente, não só no comércio, mas também na sua organização social, religiosa e política. Foi o que encontramos sintetizado na

Piazza San Marco, ao visitar o Palazzo Ducale e a Basílica de São Marcos, sem igual. De resto, as demais igrejas não nos deslumbraram, atulhadas, como muitas igrejas italianas, de sepulcros monumentais de grandes ou ignotos senhores que ali disputam com Deus o respeito e o culto dos fiéis.

Em Pádua, caminhando sob as arcadas das suas ruas antigas, recordamos Santo Antônio, o santo português que a cidade fez seu. Depois fomos visitar demoradamente a sua impressionante Basílica, templo mais importante de Pádua e uma das obras de arte mais notáveis do mundo. Foi iniciada em 1232, um ano após a morte do santo, e concluída em fins do século XIII.

A visita a pessoa amiga obrigou-nos a passar brevemente por Milão. Tivemos ainda tempo de conhecer o centro da cidade, com o Teatro Scala, a Galleria Vittorio Emanuele e a maravilhosa catedral gótica, iniciada em 1386, consagrada em 1572 e só concluída no século XIX.

O nosso próximo destino era Florença. Era maio, mas, tal como já tínhamos visto em Roma e Veneza, havia centenas de turistas por toda a parte.

Ir a Florença é encontrar-se com os Medici, Dante, Savonarola, Maquiavel, Michelangelo, Galileu, Leonardo da Vinci, Fra Angelico, Giotto, Donatello, Botticelli e tantos outros que deixaram nome na arte, na literatura, na ciência e na política. Visitar a sua catedral, de vários estilos, iniciada em 1296 e concluída em 1434, o seu batistério, românico (séc. XI), as suas igrejas, as suas praças e os seus museus foi puro deslumbramento.

Foi-o também, no último dia da nossa estadia em Florença, quando fomos a Pisa e deparamos com aquele conjunto româ-

nico monumental que é a Torre, a Catedral, o Batistério e o Campo Santo. Era tarde de sol. Com isso, a beleza, a arte e a harmonia das construções tinham algo de sonho e de irreal.

PORTUGAL

Permanecemos por mais de um mês numa casa simples do alto Minho, fruto de herança, rodeada de horta e de flores.

O Portugal que encontramos, conta agora com mais auto-estradas. Há sinais de progresso, mas o povo está aparentemente mais pobre. Dez por cento da população, segundo o relatório, vive com menos de dez euros por dia. O governo, de maioria, é socialista. Mas, contraditoriamente, é um governo que se preocupa muito com pôr em ordem as finanças do país, mas pouco com o cidadão. Segue à risca o que pregava, na década de setenta, no seu primeiro governo, um conhecido líder socialista, Mário Soares: que era necessário "pôr o socialismo na gaveta".

Hoje, como presidente da Comissão de Liberdade Religiosa, o agnóstico Mário Soares reuniu em fins de junho, em Lisboa, membros de vários credos de todo o mundo com a finalidade de discutir a contribuição que as religiões podem oferecer para a construção da paz. No colóquio, foi posta em evidência a importância do diálogo inter-religioso e a necessidade de as religiões "entrarem num clima de paz que evite uma guerra de religiões e de civilizações". Oxalá que iniciativas destas façam com que uma melhor compreensão das religiões as coloque ao serviço da concórdia e da paz, pois, na história, elas foram muitas vezes o estopim da guerra.

Breve diálogo entre Leonardo Boff e Dalai Lama

No intervalo de uma mesa-redonda sobre religião e paz entre os povos, na qual ambos participávamos, eu, maliciosamente, mas também com interesse teológico, lhe perguntei em meu inglês capenga:

LB - Santidade, qual é a melhor religião?

Esperava que ele dissesse: "É o budismo tibetano" ou "São as religiões orientais, muito mais antigas do que o cristianismo".

O Dalai Lama fez uma pequena pausa, deu um sorriso, me olhou bem nos olhos, o que me desconcertou um pouco, porque eu sabia da malícia contida na pergunta e afirmou:

DL - "A melhor religião

é a que mais te aproxima de Deus. É aquela que te faz melhor".

LB - Para sair da perplexidade diante de tão sábia resposta, voltei a perguntar: O que me faz melhor?

DL - "Aquilo que te

faz mais compassivo".

LB - (e aí senti a ressonância tibetana, budista, taoísta de sua resposta).

DL - "aquilo que te faz mais sensível, mais desapegado, mais amoroso, mais humanitário,

mais responsável. A religião que conseguir fazer isso de ti é a melhor religião...".

Leonardo Boff

Fonte: Internet.

www.dalailama.org.br

Fonte: Folhetim Meditação Cristã n°

45 - Ano XIV - Junho de 2008.

Entrevista com Leonardo Boff sobre Ética

Continuação da entrevista iniciada na edição anterior

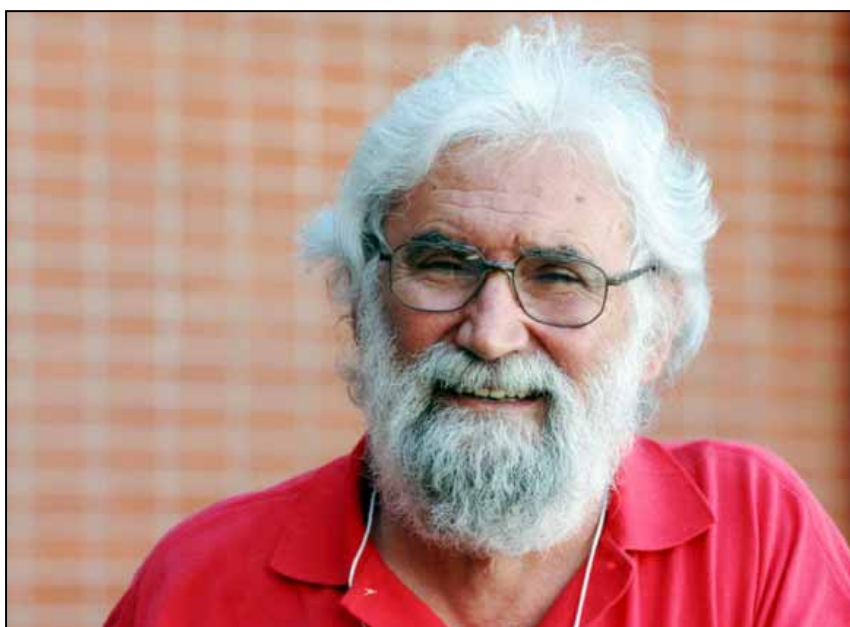
Construir Notícias - O Sr. defende que devemos ter como perspectiva a fase planetária e ecológica da humanidade. O que é esta fase, como ela se encontra presente no nosso cotidiano e qual a sua relação com a ética?

Leonardo Boff - Graças à inter-relação que os seres humanos estabeleceram entre si pelo comércio mundial, pelas comunicações, pelas viagens e trocas culturais, entramos numa fase nova da humanidade, a fase planetária. Os povos que estavam reclusos em suas culturas e regiões começam a se encontrar num único lugar, vale dizer, no mesmo planeta Terra. Descobrimos a família humana, com muitos membros, de cores e valores diferentes, mas todos, representantes da mesma família humana. E nos damos conta de que Terra e humanidade possuem uma mesma origem e teremos um mesmo destino. Comparecemos juntos face ao futuro. E aí se levantam questões fundamentais: como garantirmos uma convivência minimamente pacífica e humana entre todos? Como preservar a Casa Comum para que todos possam caber dentro dela, a natureza incluída? Como evitar digladias e lacerações que podem comprometer o futuro de todos? Aí se impõe um consenso mínimo em termos de comportamentos e atitudes. Ora a ética se ocupa exatamente destas questões. Daí a preocupação de estabelecer um consenso mínimo sobre alguns valores sem os

quais não poderemos viver juntos nem garantir o futuro comum, na linha que expus na primeira questão respondida acima, o cuidado, a cooperação, a co-responsabilidade e a compaixão.

Construir Notícias - O Sr. propõe um novo olhar sobre a concepção de ecologia, inclusive propõe uma classificação: ecologia ambiental, ecologia social, ecologia mental e ecologia integral. Quais as características de cada uma delas e como se relacionam com a ética?

Leonardo Boff - A ecologia é a ciência que estuda as relações que todos os seres entretêm entre si e com o meio circundante. É a ciência da casa, hoje, coletiva, que é o Planeta Terra. A primeira relação é com o mundo circundante, o assim chamado meio-ambiente. Dele tiramos nosso sustento e do conjunto das relações garantimos nossa vida. Mas se repararmos bem, não existe meio-ambiente, mas o ambiente inteiro, pois nós fazemos parte dele. Na verdade o que existe, é a comunidade de vida da qual nós somos um dos membros. Face à ela surge uma indagação ética: como devemos agir para que conservemos esta comunidade de vida e juntos possamos coexistir e co-evoluir? Como seres sociais nos descobrimos dentro de uma rede de relações que podem ser de cooperação, de competição e de conflito. Aqui é o campo da justiça ou injustiça social. Juntos podemos manter relações de benevolência para



com a natureza ou de depredação e espoliação. Aqui pode surgir a injustiça ecológica, pois agredimos ecossistemas ou exploramos de forma irresponsável recursos escassos como a água potável ou não renováveis como o petróleo. Como criar sociedades integradas cujo desenvolvimento seja feito com a natureza e não à custa dela? Dentro de nossa mente vigem pulsões, preconceitos, visões de mundo distorcidas, concentração apenas no ser humano, como se os demais seres só tivessem valor e sentido quando ordenados ao ser humano. Em razão de tais conteúdos mentais podemos desmatar, poluir águas, discriminar pessoas por causa de sua etnia, religião ou opção sexual. Desmontar tais estruturas é

permitir que as pessoas se aproximem, que a natureza seja respeitada e que se reduzam os conflitos desnecessários nas sociedades humanas. Integrar o mundo interior dos desejos, dos arquétipos e dos conteúdos mentais com o mundo exterior da natureza com sua imensa diversidade é desafio posto para o processo de individualização e para a serenidade e a paz do ser humano pessoal e coletivo. Por fim existe a ecologia integral. O ser humano se dá conta que é parte e parcela de um todo maior, do Planeta Terra, do sistema solar, de nossa Galáxia, enfim, do universo. Captamos a majestade do céu estrelado, a imensa complexidade e biodiversidade da natureza, a profundidade do amor. Colocamos indagações

terminais, como: de onde viemos, para onde vamos, que estamos fazendo nesse mundo, qual é o nosso lugar no conjunto dos seres, que podemos esperar depois desta vida? E por último, percebemos o fio condutor que une e re-une todos as coisas fazendo que não estejam desconectadas por aí, mas interconectadas entre si formando uma imensa harmonia e sinfonia. É a dimensão espiritual e integral da ecologia. A ecologia hoje representa o novo paradigma civilizacional, holístico, integrador e espiritual. Ela nos ajuda a voltar à comunidade de vida da qual nos exilamos e nos desperta reverência e devoção diante do Mistério de todas as coisas que chamamos Deus.

Leonardo Boff

Os Padres e a Política

O padre como seguidor de Jesus de Nazaré e diante dele, como sacramento no pão da Unidade e encarnado pobre e oprimido nos irmãos é chamado a responder ao seu convite de colaborar na obra da salvação. "Salvação que hoje e sempre na história humana significa libertação. Libertação que se realiza pela fé em sua palavra e pela vivência nas realidades históricas concretas." A encarnação do verbo (Natal) que vivemos há poucos dias significa uma grande convocação que Deus faz a todos os povos a encontrarem forças para tornar humano e fraterno o nosso mundo. Esse desejo de Deus deve ser levado a diante por todos os homens e mulheres de boa vontade e em todas as dimensões da vida, uma vez que o homem é uma constante antropológica é chamado a estar atento a todas as dimensões que definem o ser humano, a saber: O religioso, o econômico, o político e o social.

Pretendemos mostrar nestas poucas linhas alguns sacerdotes que foram capazes de concatenar em suas vidas todas essas dimensões, sem prejuízo

do essencial de seu ministério.

Padre Cícero Romão Batista, nascido no Crato no dia 24/03/1844, desde jovem sentiu-se chamado a vocação sacerdotal. Em 1870 termina os estudos e é ordenado, pelos seus dotes intelectuais é convidado a ser professor no seminário de Fortaleza, mas levado pela situação de abandono do povo de Juazeiro, que era uma pequena vila, arma aí sua tenda e serve a esse povo por 67 anos... escutando as alegrias e tristezas do povo: confessando, batizando, casando, enfim colocando em seu coração as angústias dos homens e mulheres do Cariri cearense, como é a missão própria do sacerdote.

Em 1892 por causa do "milagre" ainda hoje discutido, Dom Joaquim, Bispo de Fortaleza, baixou um decreto suspendendo o Pe. Cícero de suas funções sacerdotais, mesmo assim este não sai de Juazeiro, e continua amando a Deus e defendendo o povo. O sacerdote percebe que é preciso dar outros passos, ficar atento a outras dimensões que tenham incidência na vida do povo, entra na política, se torna prefei-

to, deputado federal e em 1912 é eleito vice-governador do Ceará. Isso desabona a missão sacerdotal do Pe. Cícero? Penso que não, mas respeito quem pense o contrário.

Na diocese de Garanhuns, mas precisamente na cidade de Panelas, no último dia 12 de Dezembro, o Pe. Otoniel Passos celebrou 65 anos de vida sacerdotal dedicado ao povo, sobretudo de Calçados e Panelas. Durante essa bonita caminhada sacerdotal chegou a ser prefeito de Canhotinho por 04 anos. Isso maculou sua missão sacerdotal?

Voltando a história vamos ver tantos sacerdotes fiéis a sua vocação e apaixonados pela sua missão, mas mesmo assim não fogem aos desafios da história. Todos nós que freqüentamos ao menos até a 8ª série, já ouvimos falar da "República de 1817", que embora não foi vitoriosa cunhou a atual bandeira de Pernambuco, o número de Padres nesse movimento era tamanho que alguns historiadores chamam a "Revolução dos Padres". Sabe como começou este movimento? A partir dos ideais liberais divulgados no seminário de Olinda e

pele Padre Carmelita e naturalista Aruda Câmara, que fundou o areópago de Itambé.

Qua n d o em 6 de março de 1817, o movimento revolucionário destituiu o Governador Caetano Pinto e organiza um Governo Republicano o principal líder era o Padre João Ribeiro, além de tantos outros: Pe. José Inácio de Abreu e Lima, Frei Miguelino, Frei Caneca, só para citar alguns.

Poucos anos depois na chama-

Padre e Político

Frei Caneca: "Quem punirá as arbitrariedades do ministério e seus oficiais? Qual será o cidadão, que possa contar com a segurança da sua vida, da sua propriedade, da sua honra?"



da Confederação do Equador, temos como principal líder Frei Caneca, que foi brutalmente punido, mas certamente seu sangue contribuiu para construir o que nós temos hoje de avanços políticos.

Poderíamos citar tantos nomes de padres que foram fundamentais na construção da história e da política brasileira como, por exemplo, o ministro da Justiça, deputado federal, e regente em 1835, o Padre Antônio Feijó, cuja importância histórica é reconhecida por todas as gerações.

A principal missão do padre não é a política, mas quando necessário os padres por sua formação cultural, sua proximidade com o povo e a

capacidade de liderança de alguns, podem dar uma grande contribuição para o processo político brasileiro. Respeito quem pense o contrário; há muitas pessoas honestas que não querem o padre na política por amor à Igreja, porém há outros que temem os padres na política em detrimento de seus privilégios.

O padre é cidadão e como tal tem direito de votar e ser votado. Dizer que é contra o seu ingresso na política, sem uma profunda motivação religiosa, como tem feito alguns políticos, é ser contra as liberdades individuais e consequentemente contra a DEMOCRACIA.

Pedro Ernesto

Fonte: ANPB 03 de julho de 2008

FALECIMENTOS

Muys Boudewiyn

Nosso colega Muys Boudewiyn faleceu em 10-06-08. Estive ontem no Velório onde falei como padre casado para padre casado e hoje estive no enterro. Pedi para a Maura esposa fazer um breve histórico dele, para ser inserido no site e talvez no Jornal Rumos. Ninguém do clero, só um diácono amigo, apesar de ter sido vigário em Ribeirão. Muita gente testemunhou o trabalho e seriedade dele e alguns lastimaram a pobreza da atual

formação do clero mais novo! Abraços.

Mário Palumbo

POR FAVOR TRANSMITIR EL PESAME A LA FAMILIA DE MUYS BOUDEWIYN DE PARTE DE LA FEDERACION LATINOAMERICANA PARA LA RENOVACION DE LOS MINISTERIOS.

ESTAMOS CON LA ORACION RESPECTIVA.

MARIO MULLO SANDOVAL, PRESIDENTE

Cláudio Affonso Heisler

Agradeço o recebimento do jornal. Desculpe não ter comunicado antes o falecimento de meu marido Cláudio Affonso Heisler. Quando recebia o jornal se alegrava muito. Faleceu em 29-04-2007, com 77 anos. Ordenado em 1957, trabalhou em Ta-

quara, Estrela e Canoas, RS. Em 1982 deixou o clero e casou comigo. Atuou como professor, escritor e poeta. Publicou diversos livros, artigos e poesias, inclusive em alemão. Era pessoa de muita fé e oração. Éramos muito felizes. Quero continuar a assinar o jornal.

Valéria Sehnen Heisler



MPC NA INTERNET

Estou tentando conseguir, a um custo baixo, fazer uma página na INTERNET para o MPC/Rumos. Isso irá nos ajudar bastante. Afinal, estamos bastante defasados na área da comunicação digital. Precisamos de uma página da INTERNET.

Felix presidente

CARTA DO LEITOR

Lorena SP 02/07/2008. Sou assinante do jornal Rumos desde o No 1, tempo de meu falecido marido José Glicério de Rezende.

Julho é o mês em que renovo a assinatura, o que já fiz. Com a nova diretoria espero receber o jornal, que sempre foi bem-vindo em nossa casa. (Obs.: eu, Gilberto, remeti os 2 últimos números, mas em outro endereço recebido da diretoria anterior...) Ele marca a presença permanente do meu saudoso marido. Maus uma vez insisto em fazer parte da família do MPC.

Odna Werneck de Rezende



MARIA DE NAZARÉ, COMPANHEIRA, DEUSA OU ENCANTADORA MIRAGEM?

Faz exatamente 9 anos que, em cada mês de maio, venho ministrando Cursos de Mariologia, sob o ponto de vista histórico-geográfico, bíblico, devocional e ecumênico, em algumas paróquias onde sou solicitada. Para a grande demanda de devoção mariana, considero diminuta a solicitação de cursos sérios que orientem nosso povo cristão para uma sólida, mas séria e inteligente devoção a Maria, mãe de Jesus.

Um fenômeno comum na Igreja Católica para se questionar é: Por que se reza mais no mês mariano? Por que nunca falta casa para se recitar o terço e para se multiplicarem o número de Missas em condomínios? Por que a Quaresma-Páscoa-Pentecostes e o Advento-Natal ficam desfocadas nos seus intentos e mistérios?

Há de se compreender que a nossa evangelização foi preponderantemente matizada de marianismo. Se fizermos um levantamento de quantas Igrejas, Capelas e Catedrais têm Maria como "madroeira", com certeza ganharia, em número, para as dedicadas a seu Filho Jesus Cristo Salvador, ao Pai

Criador, e ao Espírito Santo encorajador. Dedicada ao Pai Eterno, apesar de ter viajado por vários países, encontrei só uma, em Goiânia.

Há também de se considerar que a figura materna na religião só é preenchida com a pessoa daquela a quem o anjo Gabriel (o mensageiro de Deus) disse que dela nasceria o Filho de Deus (conf. Lc 1,35b). Portanto, ela é a "Mãe de Deus". O maior de todos os títulos que Maria de Nazaré já recebeu nos dois milênios de história cristã.

Todos os outros são, a meu ver, perfeitamente dispensáveis e estão aí para confundir a cabeça dos cristãos que, muitas vezes, pensam que cada título, corresponde a uma Maria diferente e que a de Fátima é melhor que a de Lourdes ou a de Aparecida.

Apesar de os chamados Protestantes terem perdido a herança da veneração à Virgem Mãe de Deus, no "Manifesto de Dresden" publicado por um grupo de teólogos luteranos, na revista Spiritus Domini, n.º5, de maio de 1982, afirmam que Lutero, fundador do Protestantismo, nos diz que nunca poderemos exaltar sufi-

cientemente a Mulher que constitui o maior tesouro da Cristandade, depois de Jesus Cristo. Além de honrar Maria até o fim de sua vida e cantar diariamente o Magnificat.

Infelizmente, ao longo dos séculos, os Católicos chagaram ao extremo de desvirtuar a devoção a Maria, fixando-se muitas vezes nos devaneios das aparições miraculosas e na multiplicação de movimentos marianos. Quando não no extremo de uma quase adoração.

Cultivou-se assim, ao longo dos séculos, um sentimento de uma piedade adocicada e descomprometida. E desvirtuou-se totalmente participação comprometida, atenta e constante da Mãe do Salvador, desde o seu SIM, na infância, na adolescência e na tumultuada vida pública do Filho Jesus, até à sua injusta morte de cruz.

Como se desvirtuou também a atitude solerte e corajosa, a partir do fenômeno do Pentecostes, quando todos os que ali se encontravam, juntos com Maria, se comprometeram ferrosamente em levar ao Mundo a BOA NOTÍCIA do REINO que liberta, transforma e irmana os seres humanos no

amor solidário, a começar pelos mais fracos: cegos, surdos, leprosos, doentes, famílias enlutadas, órfãos e viúvas.

O preço foi alto: a prisão e morte de Tiago, a prisão de Pedro e, mais tarde, a morte, por lapidação, do diácono Estevão, pelo "crime" de pregar uma boa nova de Jesus e o início do seu Reino.

Em vez de cultivar uma devoção libertadora e participativa de uma MARIA que caminha conosco na desafiadora educação dos nossos filhos e na "política" familiar relacional e dialogal entre pai, mãe e filhos, como fez a Virgem na sua família de Nazaré e, depois, com os Apóstolos e primeiros cristãos, nos refugiamos na pieguice de uma fé sentimental, infantilizada e alienante que nos conforta mas deixa tudo como está, nada muda, nem em nós nem nos outros, pois em vez de luz, sal e fermento, nós viramos massa amorfa, que, sem fermento, não cresceu e que, portanto, só pode dar um pão ou um bolo solado, desenhado, sem graça, bom para jogar no lixo.

Que vale uma luz que não alumia, um fermento que não faz crescer a massa, ou um sal

que não salga mais?

A piedade popular por vezes parece manifestar um culto a Maria como se ela pertencesse ao trono divino e fosse a quarta Pessoa da Santíssima "Quadrindade".

Deus a elegeu como participante direta no seu Plano Salvífico, para gerar e educar seu Filho unigênito e, depois da morte d'Ele, para ser a primeira cristã e para ser a mãe-companheira dos Apóstolos e dos primeiros cristãos, não para ser adorada.

Maria de Nazaré cantada e venerada por artistas de todos os ramos: pintores, dramaturgos, literatos, poetas, cantores, compositores, nos encaminha para a grande fileira dos devotos que reconhecem nela a eleita de Deus para colaborar ativamente no Plano de Salvação.

Mas sempre de maneira subordinada, pois Jesus Cristo é o único Salvador. E Maria a primeira salvada, com o privilégio de ter nascido sem pecado: por isso cheia da graça de Deus.

Claro que ela merece de nós respeito e veneração, mas sem nunca a confundir com Deus. É mãe de Deus, sim, mas sempre

Sofia Tavares

MENSAGEM DE NILDA SANTOS, Viúva de Pedrinho Santos ao MPC

Eu sou viúva de padre. Meu querido, Pedro Djalma Vicente dos Santos, faleceu em 25 de janeiro de 2.005, estou na lista dos contatos, mas sinto um certo desprezo pelos membros do grupo: mando e-mails, quase ninguém me responde, acho que viúva de padre é um tanto discriminada!!! Até parece que a gente cometeu um crime bárbaro!!!, é lamentável dizer isso... Mas a impressão é essa... Mesmo pelos colegas padres. Estou fazendo teologia para leigos, todos meus profs. são padres... , na sala a única esposa de padre sou eu... Todos dizem: - olha a mulher de padre, deverá saber tudo... Muito engano!!!, meu marido sempre trabalhou na nossa diocese de Registro, quantas vezes me convidava par fazer cursos, eu me recusava, dizia a ele que não tinha tempo, que teria que corrigir provas de alunos, cuidar dos filhos, etc., e assim o tempo foi

passando... , até que uma doença gravíssima o devorou aos pouquinhos.

Isso durou 12 anos..., dá para imaginar o que é, ou o que foi? Mas tudo passou.. , me deixou dois filhos maravilhosos, Luciene e Djalma, um mora em Uberlândia, engenheiro na Sadia e a filha em São José dos Campos, trabalha no banco Itaú, eu moro em Jacupiranga com meu paizinho que já tem 94 anos.. Mas está em forma ainda , graças a Deus!

Portanto às vezes fico chateada porque faço perguntas para alguns Padres Casados e não obtenho respostas. Porque será? Estou fazendo um desabafo...

Gostaria muito de manter contato com o Pe. Nelson Lopes, ele foi pároco em minha paróquia, se ordenou junto com meu marido, em 29 de junho de 1.958, mas se casou um ano antes do meu Pedrinho. Isso foi em 1972. Nós casamos em 1973, nessa época

muitos e muitos padres se casaram, não é mesmo?

A família de meu marido são cinco religiosos: três padres e duas freiras, todos já falecidos. Só uma freira ainda continua na espera da lista dos falecidos, está com 96 anos...

E aí, como fica meu contato com você, da diocese de Assis? (Refere-se a um padre de Assis que se comunicou com ela)

Gostaria de manter esse contato sempre que for possível, pois preciso muito de vocês... Na verdade , gostaria de manter contatos com as viúvas também, mas ao meu ver parece que não estão dispostas a isso!

Se eu estiver enganada, por favor me perdoem... Errar é humano!

Minha casa está a disposição de vocês quando por aqui passarem. Meu telefone é : 13-3864161615.Telefonom antes, pois às vezes estou viajando....

Um forte abraço. Do "can-

tinho da amizade" "Nildinha"

PS. Cunhados continuem se correspondendo com os colegas; isso é muito importante! E como! Fiquem com Deus!

RESPOSTA DE MÁRIO PALUMBO

Nilda, é verdade hoje parece que estamos todos em uma maratona, precisando chegar em 1º lugar, olha-se atrás só para ver se o outro está ultrapassando. Talvez no nosso meio ã seja tanto assim, mas o mundo está em uma roda viva e ã da para parar.

Isso ã é desculpa e sua alerta é importante para olhar com carinho nossas cunhadas especialmente as viúvas.

Eu pratico meditação acho que isso ajuda a vencer nossa ontológica solidão e encontrar o Outro

que nos realiza e Nele ver tudo com os olhos de misericórdia Dele. Se puder visite o site www.oraetlabora.com.br ao qual dedico boa parte do meu

dia. Envie sua críticas e sugestões. Parabéns pelo amor ao Pedrinho, parabéns pela sua família, pelo seu interesse com a causa do Reino. Continue nos alertando. Um grande abraço. **RESPOSTA DE JOSÉ M. ALVARENGA (Manaus)**

Olá Nilda. Vi seu e-mail. Me senti solidário a ti. Moro em Manaus. Fui padre por dez anos, quatro dos quais, no meio da selva amazônica comissionário. Fui diocesano de Taubaté. Atualmente estou separado. Trabalho e ministro aula em Manaus. Quando vier para Manaus, entre em contato. Um forte abraço.

COMENTÁRIO DE JOÃO TAVARES

Pessoalmente, acho que este assunto das viúvas do MPC nos deve interessar a todos. Vou fazer uma lista das viúvas que, no MPC, têm e-mail, e repassar. Sou do parecer que elas mesmas deveriam tomar a iniciativa da comunicação entre elas.

Bispo lança livro e desafia leis da Igreja

Diário de Pernambuco, sexta-feira, 13/06, por ocasião do lançamento do livro "Reflexões de um Bispo", de Dom Clemente Isnard.

Há temas que quase toda pessoa, seja católica ou não, gosta de se posicionar. Alimentar discussões e polêmicas. Entre eles o celibato sacerdotal e o direito das mulheres celebrarem missas. Já o Vaticano costuma tratar os assuntos com certo cuidado. E poucas vezes da Igreja, nas últimas décadas, ousaram contribuir com o debate fora das paredes dos seminários e das cúrias. O bispo emérito da Diocese de Nova Friburgo (Rio de Janeiro), dom Clemente Isnard, resolveu derrubar tais barreiras. Aos 90 anos e reconhecido internacionalmente por seu trabalho no campo litúrgico, ele lança hoje o livro "Reflexões de um bispo sobre as instituições eclesiais atuais - que promete jogar lenha na fogueira. E não fala apenas do celibato e das mulheres, trata de

um dos pontos quase intocável no Vaticano: a participação dos leigos na escolha dos bispos. O lançamento nacional ocorre às 19h na Igreja das Fronteiras, bairro do Derby. Um sinal de reconhecimento ao trabalho feito por dom Helder Camara.

"Fala-se tanto na falta de sacerdotes, nas paróquias sem padres, nos padres que se secularizaram deixando o ministério. E não se pensa nos padres de valor e que se casaram e que poderiam ter continuado no ministério se a Igreja lhes tivesse concedido matrimônio", argumentou o bispo emérito. Dom Isnard encontra justificativa para seu posicionamento na experiência. Foram mais de 30 anos à frente da Diocese Nova Friburgo. E também no conhecimento histórico. Ele lembra que a exigência do celibato apareceu pela primeira vez por volta do ano 300, mas que ainda hoje as igrejas orientais católicas permitem que padres se casem. Segundo o religioso, a multiplicação dos diáconos permanentes é um sinal de que o

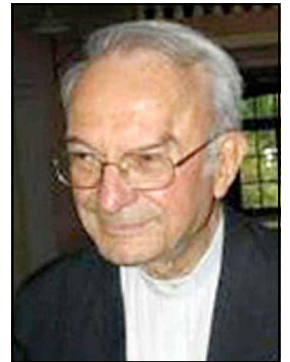
padre casado seria bem aceito em muitos lugares. Os diáconos são homens casados ou celibatários que podem pregar, mas não estão autorizados a consagrar a hóstia e o vinho.

Dom Isnard recorre ao olhar de pastor para se posicionar em defesa das mulheres. "Em minha longa vida conheci padres incapazes de ser párocos e conheci também religiosas e leigas consagradas com capacidade de dirigir comunidades", testemunhou. Para o monge beneditino, a dispensa do celibato não é uma mudança teológica, mas disciplinar. E sugere a necessidade de se analisar a Bíblia, quando São Paulo afirma que todos - judeu e grego, servo e livre, macho e fêmea - são iguais perante Deus. "Esse me parece um poderoso argumento bíblico em favor da ordenação de mulheres", acredita.

As análises do autor se voltam também para a eleição dos bispos. "Em nossos dias o povo não é ouvido na eleição, mas pode se manifestar na hora do enterro", afirma, lembrando que

a participação dos leigos nas eleições era comum no primeiro milênio de existência da instituição. Essa a prática foi caindo em desuso com a crescente interferência dos reis. Diante do que viveu e conhece, o bispo emérito defende que o ideal seria voltar ao regime do primeiro milênio, onde bispos, clero e povo participavam das escolhas.

O povo, exemplifica, seria homens e mulheres engajados na Igreja, idosos e jovens, em número que expressasse as duas categorias. E conclui, de maneira incisiva que a "descentralização das nomeações episcopais traria um alívio notável para as finanças da Sé Apostólica, uma vez que o pessoal da nunciatura não precisaria ser tão numeroso". Coincidência ou não, dom Isnard contou que uma cópia do seu livro foi entregue ao núncio apostólico no Brasil antes da publicação. E esse teria pedido a Editora Paulus, com quem estava outra cópia do texto, para não publicar o livro.



Ainda sobre os bispos, dom Isnard se pergunta como recuperar um episcopado zeloso, culto e avançado. Ele mesmo responde que na situação atual seria necessário um novo concílio ecumênico para completar o Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965 e responsável por mudanças na Igreja. Uma delas foi permitir a celebração das missas em diversas línguas, acabando com a ditadura do latim. Mesmo apontando o caminho, o bispo emérito acredita que dificilmente haveriam mudanças hoje. Isso porque a Cúria Romana prepara e redige tudo".

PAPA PEDE DESCULPAS

19 de julho, 2008

Papa Bento 16 pediu desculpas aos australianos neste sábado (sexta-feira em Brasília) pelos abusos sexuais de crianças cometidos por membros do clero da Igreja Católica e disse que os responsáveis

"devem ser levados à Justiça".

"Eu sinto muito pela dor e pelo sofrimento que as vítimas suportaram", disse o papa, durante uma missa acompanhada por bispos católicos em Sydney. Bento 16 falou sobre "a vergonha que todos nós sentimos" e

disse que esses atos representam "uma grave traição de confiança" e merecem "condenação inequívoca". Segundo o correspondente da BBC em Sydney, Nick Bryant, 107 membros do clero da Igreja Católica já foram condena-

dos na Austrália por alegações de abuso sexual.

Grupos de apoio afirmam que milhares de australianos foram vítimas desse tipo de abuso e vinham exigindo um pedido de desculpas do papa. No entanto, um dos principais gru-

pos de apoio a vítimas de abusos sexuais cometidos por membros da Igreja na Austrália, o Broken Rites, considerou o pedido de Bento 16 superficial. O grupo quer que o papa se encontre pessoalmente com algumas das vítimas.

DESCULPAS QUE NÃO CONVENCEM..., POIS PARECEM PALAVRAS VAZIAS DE CONTEÚDO E ARREPENDIMENTO SEM SÉRIO PROPÓSITO DE CONVERSÃO.

De fato o problema é muito mais amplo e muito mais sério do que parece. E as atitudes concretas da Igreja para o resolver de fato, o problema da pedofilia, não só nos padres já formados, mas, radicalmente, a partir de uma nova "política" para a formação nos Seminários, se já existem, ainda não aparecem para o Povo de Deus, sujeito primordial da Igreja, com a Hierarquia a seu honesto serviço.

Não vale a pena tentar reavivar os ramos doentes ou deixar cortar (pela justiça e pelo clamor público já ululante)

os ramos secos, se o mal está na raiz, numa má, numa deficiente formação nos seminários: intelectual, humana, afetivo/sexual, espiritual e apostólica

E enquanto essas medidas públicas não aparecem, já que o crime é público, não convencem a ninguém e vão confirmando o que muitos pensam e imaginam: que o assunto continua a ser encoberto, a ser jogado para baixo do tapete.

Pior ainda, vai-se confirmando que a Igreja, na sua Hierarquia, só se mexeu, só fez alguma coisa porque foi obrigada

pela justiça. E que não são as vítimas em si, que a preocupam, mas a vergonha e o escândalo provenientes desses gravíssimos e tão difundidos abusos.

Isso só reforça a triste e pobre idéia teológica de que, na Igreja, o que importa é o clero e a Hierarquia em geral, não o POVO DE DEUS, tão bem colocado, no segundo capítulo da Constituição Dogmática Lumen Gentium e de que Papa, Bispos e Padres também fazem parte. Já a Hierarquia, que só tem sentido para servir bem os cristãos, está colocada no terceiro capítulo, depois do POVO

DE DEUS.

Infelizmente, confundiu-se e continua-se a confundir SERVIÇO ao Povo de Deus com PODER sobre o POVO DE DEUS.

São tristes e arraigados desvios iniciados a partir de Constantino, confirmados em Trento e no Concílio Vaticano I.

O Vaticano II tentou corrigi-los, mas a Cúria Romana não aceitou e João Paulo II e Bento XVI, ou não puderam ou não quiseram implementar essa conversão da Igreja de Deus aos seus valores originais.

João Tavares, Julho 19, 2008

O problema é mais sério e mais amplo do que parece.

Será que saindo da clausura do Vaticano o Papa ainda não se tocou para fazer as reformas na igreja?

Ele precisa ler urgentemente as Reflexões de um Bispo, de D. Clemente Isnard. O Espírito está soprando de todos os lados e a Hierarquia da Igreja não pode continuar surda.

Não basta pedir perdão sem um propósito sério de mudança e conversão. Isto eu aprendi no catecismo quando era criança. Quousque tandem?...

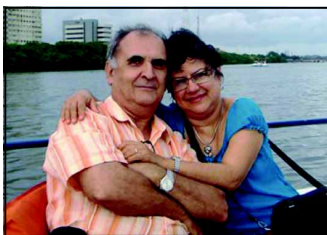
Almir Simões - Salvador - BA



EXPRESSAS

DESABAFO E AFAGO

Perante atitudes integristas papais e congregacionais vaticanenses:



Desabafo de nosso moderador João Tavares:

"Não foi com esse tipo de Igreja que o Concílio Vaticano II me fez sonhar, quando, na década de 60, fiz meu Curso de Teologia e fui ordenado.

Aprendi nessa época que, uma vez promulgados os Decretos do Concílio, eles só são reformáveis por outro Concílio, não por um Papa em particular, por um Código de Direito Canônico ou, pior ainda, por normas emanadas de qualquer Congregação da Cúria romana (Cânone 341 do CJC).

Se minha fé dependesse do Vaticano, provavelmente já a teria perdido... mas não depende..."

Afago de Francisco Rezende:

"Suas ponderações são aquelas que sempre faço. Procuo renovar meu ato de fé neste Deus que, pedagogicamente,

conduz seu povo através dos tempos, malgrado os sacerdotes que forçaram a condenação de Jesus, no mais asqueroso processo que levou à morte do próprio Deus num julgamento legalmente correto.

Nós tomamos atitudes, mudamos hábitos, contrariamos famílias, para seguir os impulsos do Espírito emanados do Concílio Vaticano II. Julgo que fizemos o correto.

Frente ao desmonte do Concílio Vaticano II, por João Paulo II e Bento XVI, devemos sempre fazer um ato de fé no Deus que conduz a história e a Igreja.

A Verdade triunfará, na dialética da intervenção divina junto às suas criaturas.

Enquanto o tempo corre, podemos dizer com o salmista: " Senhor ..estendo a minha mão na Tua direção, minha alma diante de Ti é como terra sequiosa; Apressa-Te em suste-me, pois meu espírito desfalece; Faze-me sentir logo a Tua graça, pois confio em Ti ..

Livra-me dos meus inimigos, pois em Ti espero ...

Que o teu Espírito de Bondade me conduza por um caminho sem obstáculos ...

Aniquila, na tua bondade, os meus inimigos; Destrói - sou teu servo - todos aqueles que afligem." (SI 142).

Vamos caminhando ... Somos um povo, a Santa Igreja Pecadora."

HABEMUS ARCEBISPO

Após mais um ano de vacância finalmente na Arquidiocese de Vitória da Conquista - Bahia: habemus Arcebispo Metropolitano.

Dia 10/06 foi oficializada, somente para os clérigos, através de um anúncio da Nunciatura Brasileira, o nome do novo Arcebispo Metropolitano de Vitória da Conquista: Dom Luís Gonzaga Pepeu, OFMCap, atual Bispo da cidade de Afogados da Ingazeira -Pernambuco

ANPB DIVULGA JORNAL RUMOS

Comunico que a Direção da ANPB (Associação Nacional dos Presbíteros do Brasil) acaba de enviar para todos os Padres do Brasil que estão no seu e-grupo, a última edição de RUMOS.

Não conheço o Frei Gilvander pessoalmente, mas estamos estabelecendo um

interessante intercâmbio de encaminhamento de notícias e artigos importantes.

Se não estou enganado, isto chama-se COLABORAÇÃO, SOLIDARIEDADE e TRABALHO CONJUNTO pela divulgação das Boas Novas...

João Tavares

AVALIAÇÕES

“O Jornal esta com muito conteúdo”

Gilberto e Aglésia, os vi no "Jornal Rumos" de maio/junho.

Li o depoimento da Marilu.... lindo!

O Jornal esta com muito conteúdo.... TRÁS SÓLIDAS CONVICÇÕES!

Esta coisa de padre celibatário/casado... é coi-

sa visceral da Igreja, e não me acho capaz de discutir sem criticar a "santa madre igreja". Às vezes elogios como o do Delfim são críticas violentas a certas atitudes da Igreja, as quais assino em baixo, pois essas atitudes praticadas pelos "casados" deveriam ser normais nos "celibatários"

(refiro-me ao batizado ministrado pelo Gilberto). Assim se pode entender a fuga de "CONTRIBUINTEs" das fileiras católicas, seguindo como carneirinhos para, por exemplo, a "seita do bispo mais cedo". É triste possuir a verdade e ter preguiça de praticá-la!

Antônio Pradi

“Indico a todos e todas o Jornal RUMOS”

Indico a todos e todas que dêem uma olhada no conteúdo do JORNAL RUMOS. Esse jornal é um dos meios de divulgação do Movimento dos Padres Casados (MPC) - os quais têm virtualmente o grupo: padrescasados@grupos.com.br, e que, também, têm uma expansão, através de um processo democrático, a divulgação das "suas lutas" e intentos através do site: <http://www.oraetlabora.com.br> (o qual é bom que todos, também, dêem uma visitada e acessem além do conteúdo do Jornal RUMOS, outros que lá constam). Resalto o meu alter ego, quando explicito à todos e todas, não como bairrismo,

que nesse numero do jornal consta dois artigos escritos por mim, os quais, só confirmam, a minha sintonia, mesmo como leigo, com os adventos lá aventados. Sinal de que ainda, mesmo nos contrastes dessa "era desregulada" em que vivemos, ainda há fumaças novas saindo dos fornos da Igreja e que estão sendo espalhadas pelo mundo afora, dimensionando a perspectiva de se viver, em Cristo e por Cristo, um mundo mais justo e fraterno.

Boas reflexões e dinâmicas de irmanamento na luta, é o que desejo a todos e todas. Fraternalmente.

Helinho (o Bahia)

“Vejo que está rico e suculento”

Estimado e eficiente amigo Gilberto, acabo de receber a edição 205 de nosso jornal Rumos, em sua versão eletrônica, bela, rica e fagueira. Está excelente, como não podia deixar de ser, sendo vós quem sois!..

De momento, salvei-a nos meus documentos para saboreá-la ama-

nhã, devagarinho, depois. Dei apenas uma olhada em diagonal, para dar uma conferida geral. De momento, vejo que está rica e suculenta. Parabéns. Sei em quem depositei minha confiança - e não foi em vão! Gratíssimo. Um abraço bem fraterno.

Joarez



Humor:



Num banquete, colocaram um padre católico sentado ao lado de um rabino Judeu. O padre, querendo gozar do rabino, enche o prato com pedaços de um suculento leitão e depois oferece para o 'colega'.

O rabino recusa, dizendo:

- Muito obrigado, mas...não sabe que a minha religião não permite a carne de porco?

- Nooooo! Que religião esquisita! Comer leitão é uma delícia!

Comenta o padre com ironia.

Na hora da despedida, o rabino chega e diz para o padre:

- Mande minhas recomendações a sua mulher!

E o padre, horrorizado:

- Minha mulher? Não sabe que a minha religião não permite casamento de

sacerdotes?

- Nooooo! Que religião esquisita! Comer mulher é uma delícia!!!....

Mas, se você prefere leitão.....!!!



PADRE E JUDEU